



## FALTA ACESSIBILIDADE NO METRÔ ANA ROSA

Plataforma quebrada e ausência de elevador na estação criam desafios para passageiros (pág. 3)



FOTO: NATÁLIA JOVITA



Sala onde o jornalista Vladimir Herzog foi fotografado morto em 1975; janelas foram trocadas, mas espaço ainda traduz o horror

FOTO: GIULLIA HARTVITE

### Centro de tortura da ditadura surgiu na Zona Sul de São Paulo

Abandonada pelo Estado, a memória do DOI-CODI resiste por meio dos sobreviventes que lutam pelo tombamento do local e buscam justiça às mais de 50 vítimas assassinadas durante os 'anos de chumbo'. (pág. 5)

FOTO: NATHALIA OLIVEIRA



Area projetada pelo ativista ambiental Sérgio Shigeeda, que morreu em 2023, também preserva a memória do morador

### Especulação imobiliária cresce na Vila Mariana

Prédios em escala afetam paisagens visual e sonora, trânsito local e meio ambiente. (págs. 6, 7, 9 e 10)

### Região não é capaz de acolher desabrigados

Público cresceu 400% pós-pandemia e sinal de alerta preocupa um dos únicos abrigos da Vila. (pág. 4)

### Roda só de mulheres faz história na capoeira

Elas se tornaram protagonistas no bairro e lutam por reconhecimento e igualdade no esporte. (pág. 12)

### Alunos buscam escola de qualidade no bairro

Jovens percorrem longos trajetos até o colégio Lasar Segall; especialistas atentam para os riscos. (pág. 4)

### Museu da Resistência valoriza a cultura afro

Localizado no Parque Ibirapuera há 20 anos, Museu Afro Brasil consolida discurso político. (pág. 13)

### Espaços gastronômicos atraem público diverso

Restaurantes acolhedores criam experiência íntima e conectam pessoas e sabores. (pág. 16)

### Horta Comunitária une os moradores

Em um cenário urbano cada vez mais verticalizado, a Horta Comunitária da Saúde surge como um refúgio, onde todos colhem benefícios além da comida que é plantada. (pág. 11)

# Qual Vila Mariana faz parte da sua história?

O som dos pássaros, aos poucos, foi abafado por buzinas de motocicletas, carros e ônibus que disputam as ruas e avenidas da movimentada Vila Mariana, bairro que se transformou nas últimas décadas para acompanhar a dinâmica da cidade grande. No coração da maior metrópole do Brasil, o verde deu espaço ao cinza. No lugar de árvores centenárias, prédios que abrigam studios – aqueles apartamentos com até 40 m<sup>2</sup> ocupados por universitários. Mas a população raiz, de certo modo, resiste e persiste para manter o status de vila. Não é saudosismo, é zelo por um estilo de vida.

Nesta edição, o FAPCOMUNICA problematiza a transformação de um bairro outrora reconhecido por casas de muros baixos e calçadas floridas, mas que passou a ser identificado como “berço universitário” e sofre com a especulação imobiliária que prejudica não apenas as paisagens visual e sonora, mas a qualidade do ar, o trânsito e a rotina dos moradores.

Lentamente, as memórias das vendinhas e dos barbeiros como o Seu Chiquinho – que fez história durante os 80 anos que prestou serviços na região –, quase se perdem. Quase! Ele era um símbolo local, um entusiasta que espalhava aos quatro cantos: “lá na Vila era muito melhor”. Quem conta essa história é Ilda Vilano, filha desse personagem icônico.

O relato de dona Ilda também é uma denúncia sobre a verticalização desenfreada que desafia instituições públicas e privadas na administração de problemas característicos de regiões centrais, como a falta acessibilidade no Metrô Ana Rosa, uma realidade que prejudica pessoas com mobilidade reduzida. Espaços para tratamento da saúde mental gratuitos também são escassos, apesar de

o bairro abrigar um centro médico de referência nesse campo. Pior: não há casas suficientes para atender as pessoas em situação de rua.

Outra dificuldade é a ausência de debate político com a população, sobretudo na elaboração de propostas que sugerem alteração na Lei de Zoneamento. A reportagem apurou que a legislação em vigor prioriza o uso residencial e serviços de moradia, mas um projeto aprovado recentemente pela Câmara Municipal prevê mudanças para permitir a construção de prédios sem limite de altura em algumas ruas. O problema é ainda mais sério porque, além de ignorar a consulta pública, as decisões arbitrárias causam riscos ao meio ambiente da Vila Mariana.

E essa dificuldade para estabelecer um diálogo com o poder público faz a população manifestar contra as “obras agressivas” na região, pela manutenção de políticas ambientais e pelo fim de derrubada de árvores. Essa cobrança tem um sentido óbvio: evitar que o bairro – esse chamado de vila – se torne mais um alvo de desastres ambientais. E essa luta para manter o verde na região demonstra muito mais sobre o engajamento do povo do que dos governantes. Um exemplo é a Horta Comunitária da Saúde, área com mais de 30 espécies de plantações que conecta moradores responsáveis em manter um sistema sustentável desde 2016. Um respiro raro no meio da urbanização e uma forma de honrar a memória de outro morador ilustre, o ativista ambiental Sérgio Shigee-da, cujo sonho sempre foi incentivar a convivência social e o senso de pertencimento por meio do contato com a natureza. Essa história é contada aqui.

Mas este FAPCOMUNICA também mostra uma região que carrega narrativas de dor e sofrimento de

muitos ex-presos políticos no DOI-CODI, departamento de operações que funcionava no bairro vizinho, o Paraíso, na época da ditadura militar. Por outro lado, apresenta uma vila repleta de espaços e personagens que simbolizam a resistência. Uma delas é professora de capoeira Energia, como é conhecida Andrezza Pereira de Moura, que ao romper os padrões sociais, manteve viva a presença feminina no esporte. Hoje, o Coletivo Abadã-Capoeira, apresentado nesta edição, tem uma roda formada inteiramente de mulheres. E a valorização da cultura afro-brasileira é destacada em outra reportagem a qual trata da relevância do Museu Afro Brasil, localizado no parque Ibirapuera, reconhecido com um dos centros que preservam a diversidade ambiental e a vida cultural.

De todas as características locais, uma não pode faltar. Indiscutivelmente, Vila Mariana é referência na educação e atrai alunos de cidades próximas, ou nem tanto, por oferecer uma educação pública diferenciada. A reportagem mostra que estudantes chegam a percorrer até 1h em busca de uma escola de qualidade. E, sim, o bairro também é fonte cultural para todos os públicos. Na música, a linguagem popular é premissa nas apresentações da Banda do Metrô, nas estações locais, e na famosa Batalha de Rima do Ana Rosa. Do mesmo modo, as superproduções da Broadway aquecem as noites da região, que já começa a ser reconhecida pela riqueza gastronômica. Da Espanha ao Japão, os cardápios coloreem o bairro. Essa é vila de hoje, de amanhã. Qual delas está na sua memória?

Aproveite a leitura.

Rita Donato

## Destaques da edição

“Meu pai não aceitava que mulher fizesse capoeira. Foi a minha mãe que me matriculou”

**Energia** – professora de capoeira que atuou no bairro até o nascimento do primeiro filho

“Tinha o bonde, [mas] as ruas foram asfaltadas e os paralelepípedos sumiram”

**Ilda Vilano** – ex-moradora e filha de Seu Chiquinho, barbeiro por 80 anos na Vila Mariana

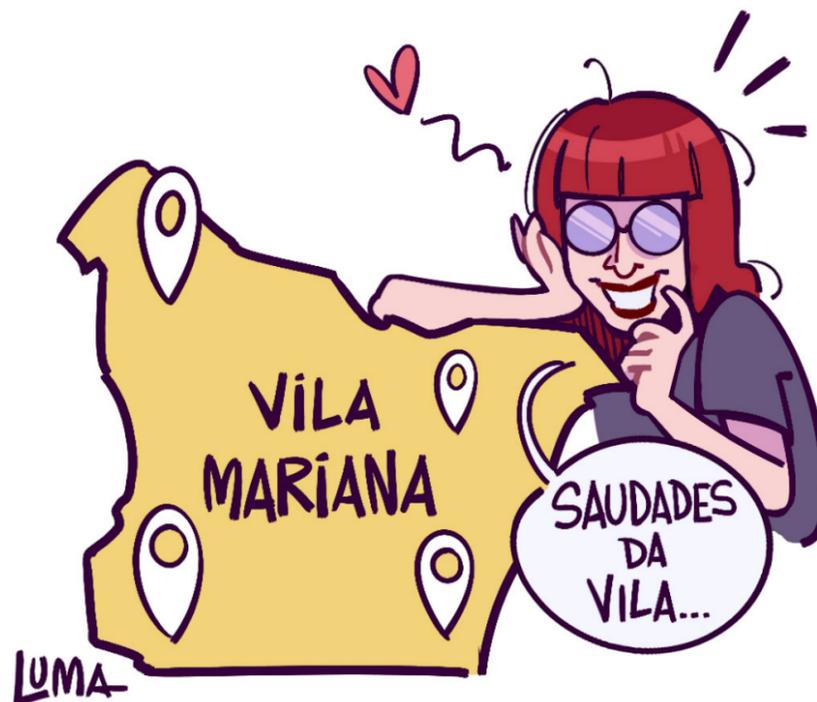


ILUSTRAÇÃO: LUMA VENÂNCIO

# FAPCOMUNICA

Ano 11 | Nº 20 | Dezembro de 2024

Impressão: Gráfica Paulus  
Tiragem 2.000 exemplares

FAPCOMUNICA é o jornal laboratório da FAPCOM. Projeto de Extensão dos estudantes de Jornalismo que praticam habilidades e se comunicam com a comunidade. **FAPCOM - Faculdade Paulus de Comunicação** | **Endereço:** Rua Major Maragliano, 191 - Vila Mariana - São Paulo/SP - 04017-030 | **Telefones:** (11) 0800 709 8707 (11) 2139-8500 | **www.fapcom.edu.br** | **EXPEDIENTE:** **Direção:** Pe. José Erivaldo Dantas | **Assessoria Acadêmica:** Tiago Souza Machado Casado | **Coordenação Acadêmica de Jornalismo:** Rita Donato | **Conselho Editorial:** Pe. Erivaldo Dantas, Profa. Rita Donato, Profa. Deise Oliveira, Profa. Vaniele Barreiros, Prof. Bruno César dos Santos | **Coordenação de Redação e Edição:** Profa. Rita Donato - Mtb 50.059 | **Projeto Gráfico e Coordenação de Diagramação:** Profa. Luma Oliveira | **Capa:** Profa. Luma Oliveira | **Foto principal da capa:** Natália Jovita, aluna egressa do curso de Fotografia | **Revisão:** Prof. Bruno César dos Santos | **Produção:** Alunos do 3º semestre de Jornalismo - 2024/2 (matutino e noturno).

**Equipe EntreFocos:** Neste semestre, os alunos atuaram na produção de conteúdos para as mídias sociais e para o portal de notícias EntreFocos, sob supervisão da Profa. Rita Donato | **Editores do site:** Filipe Pereira e Yasmin Gomes | **Editores do Instagram:** Aine Rodrigues, Isabel Andrade, Isabella Melo e Camilly Pinheiro | **Redatores e locutores do Boletim EntreFocos:** Filipe Pereira e Murilo Prado | **www.entrefocos.com.br** | **@entrefocosjr**

# Metrô Ana Rosa falha na acessibilidade

## Única alternativa nas três entradas não funciona desde fevereiro de 2024

“É um sentimento de exclusão, as pessoas não veem o que realmente acontece. As pessoas não sentem na pele o que é ser um deficiente, ser um cadeirante, ou ser um acompanhante de uma pessoa especial. É muito deprimente ver isso daí, ver o que eles fazem conosco. A quem a gente consegue recorrer? Reclamar essas imperfeições, essas dificuldades que a gente encontra. Eu tenho visto, hoje, que existe um descaço exagerado, absurdo com as pessoas com deficiência.”

Esse é o relato de Tânia Valeriano, 54, acompanhante de Alexandre, 53, seu esposo, que possui deficiência nas pernas. O desabafo é referente às dificuldades em se locomover com os transportes públicos da cidade, especialmente no trajeto que fazem para irem às consultas médicas no Insti-

tuto Dante Pazzanese de Cardiologia, onde ele faz tratamento. Utilizando o transporte coletivo, o casal pega o metrô e ônibus. A situação mais difícil, é na estação de metrô Ana Rosa, no coração da Vila Mariana.

Atualmente, no acesso da estação à rua, possui três entradas, das quais apenas uma possui alternativa para acessibilidade, a plataforma de elevação inclinada. Nas outras, as únicas opções são escada rolante ou escada fixa. A estação não tem elevador. Em nota, o Metrô informa que “A Ana Rosa, da Linha 1-Azul, foi projetada no final da década de 1970 e ampliada para receber a Linha 2-Verde na década de 1980, atendendo a todas as normas e diretrizes de projeto da época da concepção. Esta estação conta com itens obrigatórios de acessibilidade seja por elevador (do mezanino

à plataforma), escada rolante em um acesso e equipamento para transporte de cadeira de rodas no outro acesso, atendendo as normas técnicas vigentes. Além disso, a Companhia estuda a instalação de um elevador centralizado para atendimento a todos os três acessos, melhorando o conforto dos passageiros.”

“Sempre existe uma desculpa para a plataforma não funcionar, e a gente não tem acesso

Tânia Valeriano, 54, esposa de cadeirante

Alexandre e Tânia, que usam a estação com frequência, contam que em fevereiro de 2024 foram informados de que a plataforma não estava funcionando. “Na verdade, a gente nunca usou, nem no ano passado a gente chegou a usar, porque todas as vezes que a gente pega para utilizar, a informação é que ela não está funcionando, ela não chega até lá em cima, está com problemas porque é muito antiga, corre o risco do cadeirante cair.”

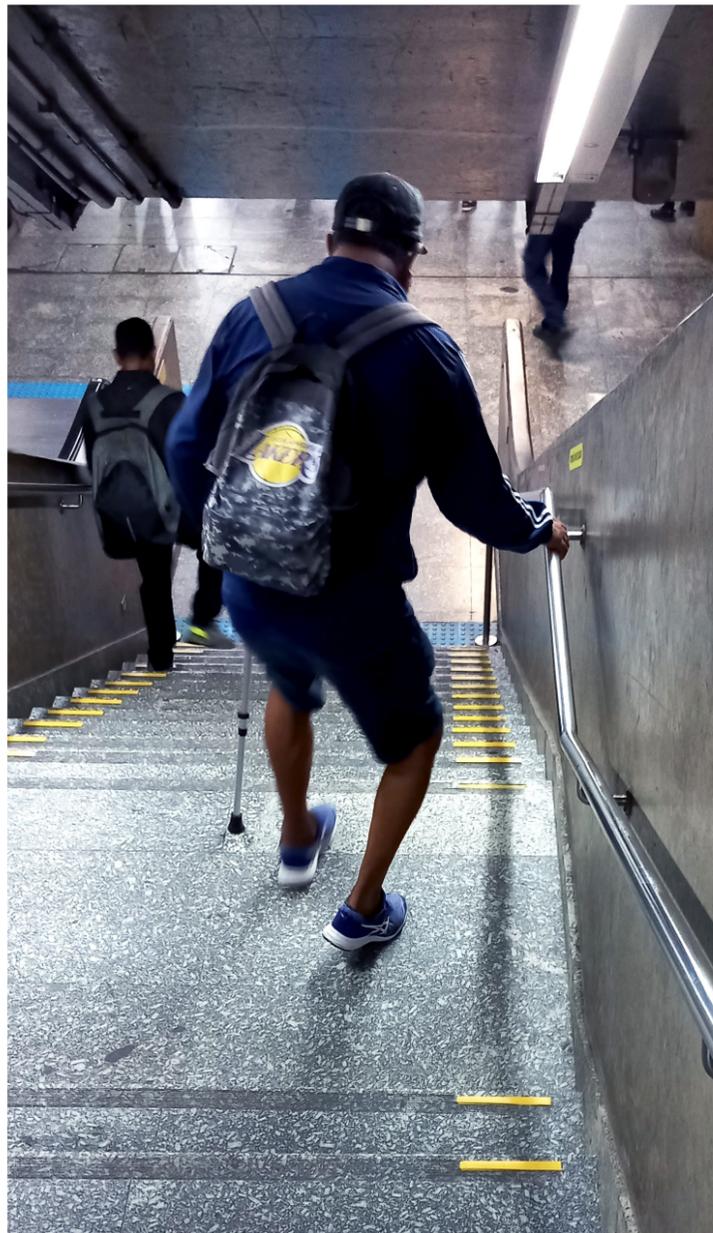
Elaine Gomes Vilela, coordenadora do GEPICSH (Grupo de Estudos e Pesquisas em Inclusão e Comunicação Social Háptica) e professora que presta assessoria em temas relacionados à inclusão, relata que “pessoas com mobilidade reduzida e cadeirantes sofrem nas estações que ainda não possuem elevador porque os funcionários carregam a cadeira de rodas”.

Assim como Alexandre, 3,4% da população brasileira que, segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), tem dificuldades de subir escadas e andar, também buscam alternativas para se locomover de forma mais acessível. Segundo o Metrô, cerca de dois mil passageiros com mobilidade reduzida ou deficiência visual são atendidos diariamente

Depender de terceiros, pode gerar traumas a ponto de não sair mais de casa”

Elaine Vilela, 54, professora

Tânia explica algumas das soluções para lidar com o problema de falta de acessibilidade na estação. “Às vezes, a gente utiliza o funcionário do metrô para poder subir com a cadeira, mas, muitas vezes, eles demoram para chegar. Então, tenho de levá-lo e ele consegue subir a escada rolante com dificuldade. Eu subo com a ca-



SEM PREVISÃO: Metrô não tem prazo para instalar elevador  
FOTO: GUSTAVO AZEVEDO

deira atrás, e quando está terminando a escada, eu coloco ele (na cadeira de rodas) e saio.”

Além da dificuldade em conseguir sair da estação, a única saída que tem escada rolante não é no terminal de

ônibus. “O único lugar que dá para a gente sair com a cadeira é do lado da Domingos de Moraes, sentido centro, e aí eu tenho de atravessar as duas pistas da avenida e ir para o terminal para pegar o ônibus”

## O que diz a lei?

A Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, no que diz respeito a aplicação, considera que a “acessibilidade é a possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como de outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privados de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida”.

Já a mobilidade reduzida é uma característica que descreve a situação de uma pessoa que tem limitações de movimentos por algum motivo, que podem ser: sensorial (capacidade de perceber e processar informações através dos sentidos afetada) ou de locomoção, ao ter deficiência física; deficiência mental/intelectual ou em razão da idade. A pessoa com redução de mobilidade, portanto, precisa de adaptações nos ambientes para conseguir acessar locais ou ir de um lugar para outro, por exemplo.

A norma NBR 14021 é responsável por estabelecer os requisitos necessários para garantir acessibilidade nos trens, metrôs e estações. A lei 13.146/15, que visa à inclusão social e cidadania e é destinada a assegurar e promover que haja igualdade no exercício de direito do PCD (Pessoa com Deficiência), comunica que a estrutura que recebe a pessoa com mobilidade reduzida precisa estratégias que garantam sua autonomia.

Amparada pela lei, Elaine acredita que a solução do problema seria a colocação de um elevador com o propósito de minimizar os impactos sofridos por esse grupo. Em defesa, o Metrô alega que investe permanentemente em treinamentos para garantir atendimento qualificado às pessoas PCD e que, atualmente, os projetos de estações têm como premissa a providência de elevador e escada rolante atendendo as normas vigentes de acessibilidade.

REPORTAGEM E DIAGRAMAÇÃO:  
GUSTAVO AZEVEDO E  
PEDRO HENGLER

## METRÔ SP

### Formas de Acesso às Estações da Linha 1 - Azul e 2 - Verde



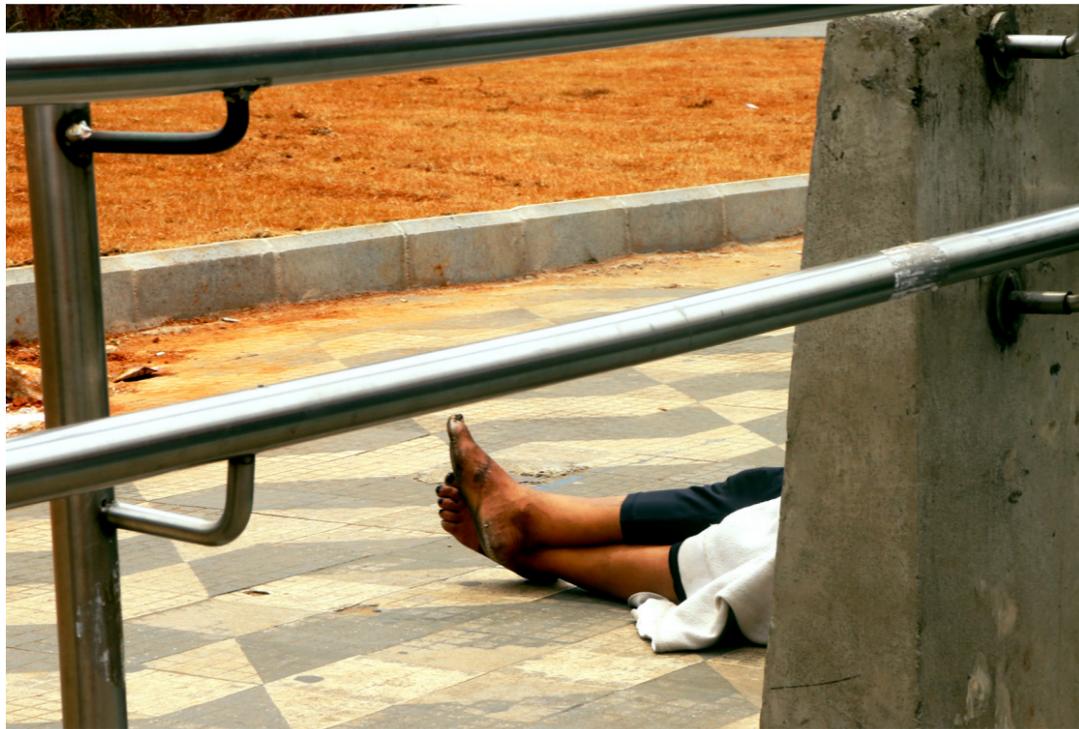
# População de rua é 'ferida aberta' em SP

## Número de desabrigados aumenta 400% na Vila Mariana pós-pandemia

O invisível está cada vez mais evidente na grande São Paulo. A crise social vivenciada pela cidade, com o aumento de pessoas em situação de rua, é reflexo da desigualdade agravada pela pandemia da Covid-19 e pela crise econômica. De acordo com o OBPopRua (Observatório Brasileiro de Políticas Públicas com a População em Situação de Rua) o número de pessoas desabrigadas chegou a marca de 80 mil em junho de 2024, um aumento de 24% em relação ao ano anterior e 152% se comparado com os dados de 2021.

A crise sanitária causada pela Covid-19 abalou setores econômicos, ocasionando em fechamento de estabelecimentos que levaram ao desemprego em massa, especialmente para trabalhadores informais e de baixa renda. Dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) mostram que no terceiro trimestre de 2020, a taxa de desemprego chegou a 15,4% no estado de São Paulo.

Para quem vive nas ruas, as dificuldades são imensas. Além da falta de moradia, a violência, a discriminação e as condições de higiene precárias também estão presentes no cotidiano. Os abrigos, apesar de essenciais, muitas vezes, têm regras rígidas, falta de segurança e de privacidade, levando muitos a preferirem ficar nas ruas, conta Bruno de Almeida Carlos, gerente de Desenvolvimento Institucional da ONG ABCP (Associação Beneficente e Comunitária do Povo),



**EXCLUSÃO: Bairro de classe média não tem centros de acolhimento suficientes, revela ONG**  
FOTO: AINE RODRIGUES E ISABEL ANDRADE

única instituição do bairro Vila Mariana atua no acolhimento de pessoas vulneráveis em situação de rua.

A ABCP registrou que, só na região, o aumento no atendimento subiu 400% após a pandemia. Segundo o gerente, a ONG atende 500 pessoas por semana. “Antes da pandemia, atendíamos ¼ da população atual, mas não chegávamos a 100 por semana”. Esses dados refletem a escassez de ONGs e programas de apoio voltados para pessoas em situação de

rua na Vila Mariana. Diferentemente do centro, onde há uma concentração significativa de redes de assistência, o bairro não conta com metade dos serviços voltados a essa população.

Essa realidade preocupa moradores, autoridades e comerciantes locais, pois a região é predominantemente residencial, com características de classe média. Um fator que pode gerar resistência às iniciativas que buscam instalar abrigos, centros de apoio ou programas de assistência, uma vez

que existe o temor que esses serviços atraiam ainda mais essa população para o bairro, avalia Bruno.

“É normal que as pessoas fiquem inseguras”, revela o gerente da casa. O aumento dessa parte da população impacta na dinâmica da cidade. As grandes ocupações em espaços públicos, principalmente no centro, geram discussões entre moradores, comerciantes e defensores dos Direitos Humanos. Maria Aparecida, de 40 anos, mora nas ruas da Vila Mariana

há dois anos e relata as dificuldades que enfrenta no cotidiano. “São muitas: a fome, o medo, mas acho que o que dói mais é o preconceito. As pessoas olham para a gente com ‘nojo’, se afastam, parece que somos animais, e acham que estamos aqui porque queremos”, compartilha.

Apesar de algumas iniciativas públicas e privadas para fornecer abrigo e apoio às pessoas desabrigadas, os recursos têm sido insuficientes frente à demanda e complexidade das necessidades dessas pessoas. Nos centros de acolhimento, que são temporários e muita das vezes lotados, não existem condições adequadas para oferecer atendimentos que promovam a reintegração social dos indivíduos, o que acaba mantendo muitos em um ciclo de exclusão, explica Bruno.

### SEM SAÍDA

A diversidade de perfis em situação de rua também é um fenômeno. O aumento no número de famílias, idosos, pessoas com problemas de saúde mental e usuários de drogas se tornou um problema para as políticas públicas, que não atendem esses perfis de forma específica, assim, as iniciativas se tornam generalistas e, muitas vezes, ineficazes. A falta de apoio psicológico agrava o problema, deixando muitas dessas pessoas sem alternativas concretas para sair das ruas.

**REPORTAGEM E DIAGRAMAÇÃO:**  
AINE RODRIGUES E ISABEL ANDRADE

# Estudantes percorrem trajetos de até 1h em busca de uma melhor escola pública na Vila Mariana

A acordar, se arrumar, sair de casa e ir para a escola: essa é a rotina comum de estudantes em todos os cantos do país. Mas, algumas pessoas iniciam essa dinâmica horas antes dos colegas de classe, alunos que moram em bairros distantes e buscam um direito constitucional que, muitas vezes, não é garantido próximo de suas casas. Isso porque a educação de qualidade ainda não é uniforme em todas as regiões, como prevê a legislação idealizada em 1988.

A Escola Estadual Lasar Segall, na Vila Mariana, possui uma das melhores notas do estado no Ideb (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) para os anos finais do ensino fundamental (6º ao 9º ano). Em 2023, a unidade conquistou a nota 6,5, acima da meta de 6,0, baseada na média de anos anteriores, o que faz com que alunos de diversas regiões busquem o colégio. A escola, que chama a atenção da comunidade, recebeu até a visita do piloto de Fórmula 1 Lewis Hamilton, em 2022, e ganhou mais notoriedade.

Durante a produção desta reportagem, foram realizadas duas visitas à região do metrô Santa Cruz, estação mais próxima da escola e ponto que todos os dias fica cheio de alunos com as camisetas azuis claras do uniforme. A estação serve de chegada para es-

tudantes que podem levar mais de 1h até a escola. Capão Redondo, Vila das Mercês, Jabaquara, Jardim Miriam e bairros do ABC Paulista são alguns dos locais de origem dos alunos e exemplificam as distâncias percorridas, muitas vezes, sozinhos.

A historiadora e socióloga Priscilla Moore destaca que a locomoção causa impactos nas vidas dos estudantes de várias formas, principalmente no amadurecimento precoce, por grande parte dos pais não poderem acompanhar seus filhos no trajeto, o que faz com que os esses adolescentes aprendam a se locomover sozinhos e ficar atentos aos riscos no caminho.

Priscilla também destaca outros impactos para os estudantes. “Por mais que o ensino na instituição seja melhor, elas têm um desgaste, a qualidade de vida diminui, porque é muito tempo no transporte público e elas acabam perdendo grande parte do dia fazendo essa transição, esse deslocamento da casa para a escola.”

Mas pais e estudantes entendem que residir longe da escola é algo comum. E a resposta sobre a escolha do Lasar é simples: “porque aqui é melhor, as escolas do meu bairro são bem fraquinhas”, como afirma um dos pais, que preferiu não se identificar.

Para efeito de comparação, entre

as escolas dos bairros de origem dos alunos citados, a maior nota do Ideb é de 5,5 (Escolas Estaduais Professor Raul Cardoso de Almeida, na Vila das Mercês, e Silva Jardim, no Tucuruvi), um ponto atrás do Lasar Segall.

“Há muitos estudantes dessas escolas que vêm dos bairros periféricos, mas por estarem em bairros elitizados, por serem bairros centrais, toda uma infraestrutura ao redor desses colégios estão mais relacionadas a um padrão de uma classe mais elevada, elas acabam tendo uma atenção maior, porque a ideia é atrair um público que não destoe tanto da região”, revela Priscilla.

As famílias enfrentam um longo caminho muito antes do início das aulas. Para realizar a inscrição ou transferência, é necessário preencher o documento de interesse na unidade ou on-line e aguardar as prioridades. Primeiro, para os alunos da região, depois, para quem está fora da rede pública e, só então, aos que têm intenção de estudar lá. Apesar dessa dificuldade, é normal os alunos não residirem no entorno da unidade.

Uma das estratégias utilizadas para “encurtar” o caminho é utilizar endereços de conhecidos que residem mais próximo à escola para que assim consiga a vaga. Priscilla ainda afirma que a falta de acesso à educação refor-



**DISTÂNCIA: Desempenho escolar pode ser afetado, diz socióloga**  
FOTO: FILIPE PEREIRA

ça ainda mais as desigualdades sociais.

“A desvalorização da educação acaba fazendo com que todas as outras desigualdades se construam, acho que o principal foco da nossa desigualdade é a educação”. Outro fator que ressalta as desigualdades, segundo a professora, é o fato dessas vagas serem poucas e não atingirem a maioria dos alunos dos bairros mais distantes, que podem questionar a qualidade das escolas de seus bairros, desvalorizando as instituições e o cenário pode acarretar na evasão escolar, que, segundo o Censo Escolar 2023, registrou um índice de 3,0% no ensino fundamental e 5,9% no ensino médio.

Além dessas desigualdades, a especialista reforça que preconceitos podem surgir no ambiente escolar por conta das diferenças culturais das periferias e dos bairros centrais. Fatores como gírias, vestimentas e o lazer acessado são diferentes pelos alunos e tais características podem criar distâncias nesses estudantes, mesmo em um ambiente de escola pública, levando a possíveis discriminações.

Até o fechamento desta reportagem, a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo não respondeu aos questionamentos feitos.

**REPORTAGEM E DIAGRAMAÇÃO:**  
FILIPE PEREIRA  
MURILO PRADO

# O 'açougue' da ditadura fica no Paraíso

## Memória do DOI permanece na lembrança de quem viveu 'anos de chumbo'

No ápice dos seus 21 anos, o estudante Maurice Politi caminhava pelas ruas de São Paulo quando se viu pisado por coturnos de couro preto, no chão de uma Veraneio. Imóvel, era possível ouvir um código sendo transmitido por um walkie-talkie. Então, um portão se abriu e o jovem foi bruscamente atirado a um pátio no bairro Paraíso. Por ordens, ele se despiu em um cenário de gritos, quando foi questionado: "você sabe onde está? Aqui é o sucursal do inferno, onde bebê chora e mamãe não escuta". A partir dali, Politi passava a ser mantido em cárcere no DOI-CODI (Destacamento de Operações de Informações - Centro de Operações de Defesa Interna) de São Paulo.

**Eu morro sabendo porque morro, mas vocês não sabem porquê estão me matando"**

**Dulce Muniz, ex-presa política (parafraseando Virgílio Gomes da Silva, guerrilheiro - 1969)**

Inaugurado em 1968, durante o mandato de Artur Costa e Silva, e inicialmente atuando de maneira clandestina, o DOI-CODI ganhou este nome somente em 1969, após a atuação da OBAN (Operação Bandeirante), que tinha como objetivo investigar e desarticular grupos políticos opositores que existiam à época no país. A operação contou com setores da sociedade civil, sobretudo empresários ligados à Federação das Indústrias de São Paulo (FIESP). A princípio como uma organização an-

tirevolucinária, a OBAN se tornou um centro de violação dos direitos humanos, fazendo com que aquele período fosse conhecido mais tarde como "anos de chumbo".

Atualmente como o 36º Distrito Policial, o edifício se caracteriza como um ambiente sombrio. O prédio principal, onde o horror costumava ocorrer, conta com três andares compostos por escadas que abrigavam os instrumentos de tortura, entre eles o "pau de arara" (existente desde o período da escravidão), que servia para imobilizar e pendurar o indivíduo de cabeça para baixo, causando dores nos músculos e articulações. Outro método bastante conhecido era a "cadeira do dragão", objeto em metal onde os presos ficavam sentados e recebiam descargas elétricas por todo o corpo. Segundo Maurice, que hoje atua como membro do Núcleo de Preservação da Memória Política, em ambas as situações, os indivíduos tinham de estar nus, como forma de humilhação e desumanização, causando tanto sequelas físicas quanto psicológicas. Alguns anos depois, o processo de captura dos prisioneiros passaria a adotar métodos mais cruéis, conta o ex-preso político, e um prédio adicional fora construído a comando do então coronel Carlos Brilhante Ustra.



**Maurice ficou preso quatro anos**  
FOTO: ANA LUIZA SIDRONIO

As paredes brancas e as janelas de blocos de vidro temperado formam as instalações onde o inimaginável acontecia. Nas salas principais não haviam portas, e a junção delas com outros cômodos facilitava a passagem



**MEMÓRIA: O extinto DOI-CODI está aberto para visitas por meio do Núcleo Memória**  
FOTO: GIULLIA HARTVITE

dos militares e médicos que ali faziam vistoria. Ainda de acordo com Maurice, quando um torturado desmaiava, um agente de saúde era convocado para examiná-lo, atestando se o coração aguentaria por mais tempo ou se estava prestes a parar de bater. Caso estivesse perto de morrer, os cabos responsáveis aguardavam pela breve recuperação do corpo, já que precisavam que o indivíduo entregasse seus companheiros. Ao lembrar desse período, Maurice e a atriz Dulce Muniz, também perseguida à ocasião, revisitam uma memória, que ainda hoje não parece tão distante.

"A minha história é muito pequena perto do sofrimento de tanta gente", diz Dulce. "É possível lutar pelo livre arbítrio e contra a violência. A gente sofre, é torturado, morre, é desaparecido, mas vale a pena lutar por aquilo que a gente acredita." Ao falar

sobre a sua experiência ao chegar no DOI-CODI, a atriz conta: "escutamos os gritos, pavorosos gritos que sou incapaz de reproduzir, porque são gritos inumanos, provocados por aquilo que é a coisa mais abjeta que um ser humano pode fazer com o outro, que é a tortura".



**Dulce ficou presa por 20 dias**  
FOTO: ANA LUIZA SIDRONIO

Questionada sobre a tentativa de retaliação provida pelo Estado, ela conta que luta pela anistia e pela indenização. Não achava que fosse seu caso, já que sentia que outras pessoas, incluindo o seu irmão, sofreram mais com a repressão. Em contraponto, Maurice recebeu R\$ 3 mil de indenização. "Recebi como estudante uma parcela única de dinheiro e fui anistiado com um pedido de desculpas do presidente da Comissão de Anistia". Ele também explica a importância do reconhecimento por parte do governo, e como isso ajuda a mostrar que os ex-presos, ao contrário do que era divulgado, não foram terroristas ou criminosos, e tiveram seus projetos de vida interrompidos ao fazer parte da oposição e lutar pelos Direitos Humanos.

### 'AINDA NÃO SUPERAMOS'

Numa conversa sobre a memória do período do AI-5 (o pior dos 17 atos institucionais decretados pela ditadura militar), o professor de história pela Faculdade de Filosofia Santa Dorotéia, Alex Fonte, opina que o Brasil se destaca como um país que ainda não superou aquele período.

"Quando fazemos uma análise dos regimes ditatoriais da América Latina, principalmente na América do Sul, percebemos que o Brasil foi quem mais teve dificuldade de passar a limpo esse passado, e que na verdade, nem passou por completo". Já sobre a possibilidade de um novo golpe, o especialista argumenta que "considerando essa hipótese, acho que o campo progressista teria de fazer o que dificilmente fez em todos os momentos da história, que é se unir".

## Hoje em dia

Em seus últimos anos ativo, o DOI-CODI SP teve entre suas mais de 50 vítimas, o ex-diretor de Jornalismo da TV Cultura, Vladimir Herzog, por meio de uma morte forjada por enforcamento. Acompanhe mais detalhes sobre o local onde o assassinato ocorreu e depoimentos de ex-presos políticos, com imagens e vídeos dos espaços onde as torturas costumavam acontecer.

Acesse o QR CODE e veja:



**PIONEIRA: Vila Mariana foi a primeira a implementar o centro de tortura da ditadura**  
FOTO: GIULLIA HARTVITE

# Vila Mariana: a transformação de bairro tradicional para o 'berço universitário'

Décadas de mudanças moldaram a famosa região da zona sul de São Paulo

Ruas de paralelepípedo, casas com quintais e habitado por imigrantes, assim era o bairro da Vila Mariana em 1958. Ao longo dos anos, os sobrados deram lugar às universidades, os pequenos comércios se transformaram em shoppings e prédios, e as tradicionais famílias deram lugar aos jovens estudantes.

Francisco Villano, mais conhecido como "Seu Chiquinho", nasceu na rua Humberto I e viveu durante toda a vida na Vila Mariana, barbeiro por 80 anos e conhecido por todos que moraram na vila na mesma época, ele assinou a coluna "Memórias da Vila" onde contava as histórias que vivenciou no bairro. Seu Francisco é pai de Ilda Villano, de 74 anos, que assim como ele nasceu e cresceu no bairro. Ela se mudou há cerca de três meses.

Dona Ilda, que foi vizinha do ex-presidente Jânio Quadros, comenta que a transformação da Vila Mariana é notável, principalmente pelo sumiço de símbolos de bairros menores como os pequenos comércios. "As ruas foram asfaltadas, os paralelepípedos sumiram. Em termos de desenvolvimento de comércio, não havia supermercados. Pequenos comércios, quitandas. Acho que esse tipo de comércio não existe mais."

Entretanto, as mudanças não se limitaram aos pequenos comércios, se estendendo também para a mobilidade local, bondes se transformaram nos movimentados vagões de metrô. "Tinha o bonde que passava na rua Rodrigues Alves, que servia para ir para a Praça João Mendes, até Santo Amaro. Os ônibus eram poucos, porque eram poucos moradores também", relembra Dona Ilda.

A cidade de São Paulo transporta pelo menos cerca de cinco milhões de passageiros diariamente via metrô, com o aumento de faculdades, o fluxo de pessoas duplicou. Leandro Ferreira, de 33 anos, morava em torno do bairro Jabaquara, também na zona sul de São Paulo, e se deslocava todos os



**MEMÓRIA:** Antes e depois da rua Vergueiro com a avenida Domingos de Moraes; local tem cerca de 129 anos de história  
FOTO: REPRODUÇÃO FACEBOOK / YASMIN GOMES

dias para o bairro até concluir a faculdade, e por admiração ao local decidiu se mudar para a região. Quando questionado sobre a dinâmica do bairro em respeito aos horários de maior movimento, Ferreira relata que os horários de início de aula do período matutino e noturno, e a hora do almoço são as que mais passam pessoas.

Dinâmica essa que Dona Ilda também notou durante o tempo em que morou no bairro. "O movimento de bares se expandiu demais na região. Principalmente em volta das faculdades. Os bares cresceram muito na redondeza. Por um lado foi bom, porque também movimentou o bairro, a procura por imóveis para alunos que vêm de outras cidades, procurarem moradias por ali, próximo à faculdade aumentou muito."

## BERÇO UNIVERSITÁRIO

Atualmente, a região possui cerca de 17 faculdades das mais variadas áreas da

## À noite, o movimento aumenta no fim de semana, com pessoal estendendo no bar após a aula"

**Leandro Ferreira, 33, artista plástico**

educação e já pode ser considerada um berço universitário. A instituição de fundação mais recente é a Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (FAPCOM), com 19 anos e alunos de diversas regiões de São Paulo. Henry Lisauskas, de 21 anos, se mudou de Sorocaba, cidade localizada no interior de São Paulo, para o bairro para cursar

Produção Audiovisual na faculdade. O aluno relata que um dos motivos para a mudança é a localização. "[O bairro] É muito bom, é muito bem localizado. A gente tem a faculdade, também tem restaurante e mercado perto, consigo ficar aqui bastante tempo sem precisar me deslocar muito. Por isso que eu preferi vir para cá."

O bairro se caracterizou como universitário não só pelo aumento de campus de faculdades, mas também pela crescente construção de prédios de apartamentos menores, conhecidos como studios e moradias compartilhadas. Leandro também percebe a mudança de casas para prédios. "Eu acho que eu moro numa das últimas casas aqui da rua e tá tudo virando prédio, o pessoal tá demolindo tudo e os apartamentos que eles estão fazendo são apartamentos, claramente, para essa galera universitária."

Henry compartilha apartamento com um estudante que não conhecia

antes da mudança para a capital e comenta que apesar do medo, a experiência é tranquila e devido à rotina de estudos, os dois acabam se encontrando pouco. "No começo eu fiquei com bastante medo. A gente dividiu praticamente tudo, mas ele é bem tranquilo, então resolveu tudo. A gente tem uma organização bastante legal. É até bom para você mesmo, você [se] forçar a aprender a dividir com alguém, porque não é só você ali."

Apesar da chegada de novos moradores e as mudanças sofridas, Dona Ilda recorda o quanto seu pai amava o bairro. "[Quando] a gente ia num bairro porque alguém se mudou, ele me olhava, [e dizia] mas lá na Vila Mariana, era muito melhor. Sempre o bairro da Vila Mariana era o melhor."

REPORTAGEM E DIAGRAMAÇÃO: RHEBEKA MORAES E YASMIN GOMES

## Moradia estudantil: tendências e valores do mercado imobiliário

Com a presença das faculdades, muitos jovens estudantes optam por mudar para bairros próximos, atraídos pela facilidade de acesso às instituições de ensino e ao transporte público. Isso tem impulsionado, ao longo dos anos, a construção de diversos prédios na região, projetados com o intuito de atender a esse público específico. O studio é uma opção que tem se popularizado, especialmente entre estudantes e jovens profissionais. Esse imóvel é caracterizado por ambiente integrado, sem divisórias entre sala, quarto e cozinha, com exceção do banheiro. Outro modelo de moradia que também tem atraído muitos universitários é o apartamento compartilhado, onde duas ou mais pessoas dividem o espaço e as despesas, tornando o custo mais acessível.

Na hora de escolher uma nova moradia, muitos fatores entram em jogo, mas a proximidade de estações de metrô e o local de estudo acabam sendo as prioridades para muitos universitários. Raffaella Vallim, corretora de imóveis na Vila Mariana, afirma que, além da localização, outros requisitos são importantes para os pais dos estudantes, que geralmente são os responsáveis pela compra do imóvel. Segundo a corretora, a segurança e a praticidade para o transporte também são fundamentais para atrair esse público. "Tem de ser algo muito prático e que possibilite formas dos universitários transitarem com mais facilidade", explica.

A proximidade de pontos de transporte e a segurança do bairro são fatores que

impactam diretamente no valor da moradia. Raffaella observa que em bairros como Liberdade e Bela Vista, próximos a faculdades, o custo de imóveis tende a ser mais baixo. "Os valores variam de bairro para bairro. Por exemplo, no bairro da Liberdade e Bela Vista, que são regiões com várias universidades, os preços podem variar de R\$ 300 a R\$ 500 mil. Já na Vila Mariana, Higienópolis e Perdizes, os preços giram entre R\$ 600 a R\$ 900 mil, em média. Isso pode variar muito conforme a demanda e o tipo de imóvel."

Com o crescente número de estudantes em busca de moradia perto das universidades, a oferta de imóveis voltados para esse público tem se expandido. Na Vila Mariana, por exemplo, é possível observar diversos estandes de vendas, principalmente anunciando apartamentos do tipo studio. Esse tipo de imóvel oferece o básico em termos de espaço, mas com áreas comuns compartilhadas que atendem a outras demandas, como academias, coworkings e áreas de serviços e convivência.

Para a especialista, o mercado imobiliário tem acompanhado as mudanças, adaptando-se às preferências dos universitários, mas nem sempre de maneira a considerar as limitações financeiras desses novos moradores. A variedade de opções disponíveis, especialmente em áreas como a Vila Mariana, tem se mostrado tanto uma resposta à demanda crescente quanto um reflexo das tendências do mercado.

# Verticalização aumenta valor dos imóveis

Especulação imobiliária cresceu 23,43% na Vila Mariana, aponta pesquisa



**MORADIA:** “Faltam grupos que discutam o valor do aluguel e a crise habitacional no bairro. Tem uma procura para uma produção imobiliária”, relata especialista  
FOTO: JÚLLIA ZEQUIM

Nos últimos dois anos, houve um crescimento imobiliário nos centros urbanos, principalmente, na capital paulista. Esse movimento caracterizou o que se conhece como especulação imobiliária, um fenômeno preocupante entre os ativistas e militantes por moradia. Na Vila Mariana, segundo dados do Índice Especulômetro EXAME-Loft, em 2022, houve um aumento de 23,43% na prática especulativa, que visa à compra de terrenos por um valor menor, com objetivo de, futuramente, ter valorização e o preço dobrado. Esse é um dos principais fatores que desencadeia não apenas o preço alto dos imóveis, como também o aumento dos terrenos desocupados, déficit habitacional e a desesperança da nova geração de ter a própria casa na região.

De acordo com levantamento do arquiteto e urbanista Julian de Paula, existem cerca de 40 terrenos vazios no bairro, que se enquadram no IPTU (Imposto Predial e Territorial Urbano) progressivo – que aumenta de forma gradual, incentivando o proprietário a dar uma função social ao imóvel. Apesar do congelamento de capital decorrente do movimento especulativo ser, muitas vezes, cotado para preservar privilégios, precisa ser diferenciado do ato tradicional de construção de prédios. “É difícil fazer a crítica do que é especulação e do que são os grupos que são contrários a esse movimento predatório.”

Camila Filipo, estudante univer-

sitária da região, relata que durante a pandemia, em 2020, visitava a Praça Alexandre Cabanel com a família. No final daquele ano, foram construídos edifícios que prejudicaram a ventilação do local. “Era como se fosse uma praça escondida e ela era maravilhosa. Uma rua com várias casinhas, parecia uma vilinha mesmo, com a praça no meio. Só que começaram a construir três prédios no final da pandemia e a praça ficou escura. Não tem mais sol, pouca ventilação, a claridade está horrível”, conta. A situação se tornou algo comum para os moradores da Vila Mariana, que frequentemente passam por essas mudanças e transformações de cenários cotidianos. Esther Engler, que vive no bairro há quase duas décadas e reside em uma vila de casas, conta que prédios estão surgindo “repentinamente” e que comércios como o Pão de Açúcar, foram demolidos e estão com uma área vazia. “Compra o terreno, aí demole tudo. Toda a região está assim. Aqui na rua de trás da minha casa, começou a vir imobiliária para comprar terreno, na região da nossa vila tem gente que já está recebendo proposta para vender [a casa].”

#### O DISTANCIAMENTO DA VILA

A Vila Mariana é conhecida principalmente por suas casas tradicionais construídas durante os anos 1980, o que difere da arquitetura contemporânea por trazer um aspecto de conforto. Na era dos pequenos apartamentos, chamados de studios, os sobrados

se tornaram um símbolo de relacionamento entre os moradores, mas, de acordo com Julian, o senso de união no bairro foi deixado de lado por motivos além dos residenciais.

**“Tenho uma perspectiva de que os prédios estão longes. Consigo ver uma muralha deles, mas essa muralha já está chegando mais perto de mim”**

**Camila Filipo, 19, estudante**

O entendimento de uma comunidade não é só sobre o charme do bairro, mas também o custo e possibilidade de viver e consumir nele, o que faz a Vila não ser a “questão só da casinha e do sobrado, mas sim das pessoas conseguirem circular no bairro e usufruir dele. A gente tem essa escalada de aluguel, é uma coisa que descaracteriza porque mata esse usufruto muito mais do que substituir um sobrado por um

prédio”, comenta o urbanista.

Segundo levantamento feito em sites imobiliários, o valor médio para aluguel de uma casa ou um apartamento com até dois quartos no bairro é de R\$4 mil, enquanto para compra pode ultrapassar R\$1 milhão. Um studio de 22m<sup>2</sup> localizado nas proximidades do Metrô, com um quarto e um banheiro, é vendido por quase R\$400 mil, um exemplo dos valores acima da média em poucos metros quadrados, conforme avalia o especialista.

Com a verticalização da Vila, a produção de prédios com a tipologia tradicional — maiores e funcionais — foi interrompida para a construção de moradias aceleradas com o objetivo de suprir a demanda populacional. O arquiteto, que mora na região há 35 anos e hoje vive com a namorada, conta sobre a dificuldade em relação ao valor do aluguel. Apesar de a infraestrutura ser boa, “a gente acaba comprometendo uma parcela muito grande da nossa renda para estar acessível a isso [qualidade de vida]. Tivemos bastante dificuldade em encontrar um apartamento maior do que 60m<sup>2</sup> para nós dois, versus uma produção muito grande de gavetas que não são pensadas para uma ocupação confortável de mais de duas pessoas. O déficit habitacional não é só quem mora na rua, também é quem compromete muito da renda com aluguel, quem mora desproporcionalmente longe de onde trabalha. Não é que o estilo de vida em poucos metros quadrados seja uma opção, es-

tética ou uma ideologia, é relacionado ao que as pessoas conseguem pagar dentro do que é produzido.”

Para Julian, na ausência de produções menores, a construção de prédios “quebra um galho”, mas não é o ideal. Sem a elaboração de estruturas públicas, a população se torna dependente de um mercado com um plano diretor baseado em incentivos. “O mercado sempre vai operar no que trás a melhor taxa de retorno de lucro, o que não necessariamente é a melhor produção de habitação. Aí nós temos, por exemplo, um monte de prédios, uns apartamentos extremamente grandes e muitas quitinetes no tamanho mínimo”. A criação habitacional foi deixada exclusivamente na mão da indústria imobiliária, com o objetivo de provocá-lo para a direção desejada, mas segundo o urbanista, essa iniciativa não funcionou muito bem, trazendo um problema que deve ser solucionado dentro do que é viável.

Os moradores sentem, cada vez mais, o distanciamento da comunidade que já existiu. Camila Filipo admite estar apreensiva com o futuro do bairro, “está começando a perder realmente a aparência de vila, o que é bem triste.”

# Saúde mental desafia centros médicos

## Acesso ao atendimento ainda tem complicações na Vila Mariana e região

As questões sobre saúde mental que ganharam espaço no século XXI atingem pessoas de todas as idades. Mas a procura pelo local ideal para tratamento está difícil na região da Vila Mariana, que possui hospitais com especialização psicológica e psiquiátrica. Psicólogos em falta, medicamentos caros, muitos centros públicos com estrutura inadequada - o que leva os enfermos para clínicas particulares, muitas vezes com preços inacessíveis - têm sido alguns dos impedimentos para os pacientes terem acesso ao atendimento de qualidade nos últimos anos.

De acordo com o mais recente Relatório de Saúde Mental da OMS (Organização Mundial da Saúde), o número de CAPS (Centro de Atenção Psicossocial) no Brasil cresceu de maneira considerável nos últimos anos, com um número de centros especializados superior a 2.600. Além disso, houve outros centros e instituições de saúde mental distintas dos CAPS que surgiram de maneira crescente. Entretanto, a demanda tem sido grande, e a garantia de um atendimento de qualidade e acessível para todos aparenta ser incerta e desafiante para as demais entidades públicas e privadas.

Entre os períodos de quarentena e pós-quarentena, o número de casos relacionados à saúde mental cresceu motivado pela alta exposição às telas e às redes sociais. De acordo com uma pesquisa da Fiocruz, feita em 2022, 60% dos estudantes têm demonstrado



**BEM-ESTAR: Os centros médicos estão com nova demanda**  
FOTO: MARCOS MENDES

crises de ansiedade; 80%, dificuldade de se concentrar nas atividades.

### INTERNET É VILÃ?

As mídias sociais estão cada vez mais presentes nas vidas das pessoas. Atualmente, seus efeitos causam diversos impactos na saúde da população, dividindo os pensamentos dos especialistas sobre o uso inadequado, eles consideram bom o fato de possuir mais acesso à informação, mas prevalece o lado ruim do discurso ao ódio e cancelamento na internet, comparações e os recortes de falas onde acaba se tendo um julgamento, pela falta de

contato físico se tem mais liberdade de expressar a opinião medo de julgamento e retaliação fazendo com que essa disseminação de ódio seja mais crescente no ambiente on-line e na vida da comunidade.

Especialistas observam que os problemas da saúde mental se expandem para além da mente, podendo acarretar em casos mais graves, como enxaqueca, doenças cardíacas, gastrite e outras doenças no sistema digestivo. O tratamento à saúde mental, portanto, ajuda também a evitar outras complicações do corpo humano. Segundo a psicóloga Thais Bohn,

é necessário cautela, pois o atendimento inadequado pode promover ações prejudiciais aos pacientes, por exemplo, como a recomendação de medicamentos. Profissionais da área alertam sobre isso e o perigo de causar a dependência, por isso, a procura por um médico habilitado e um tratamento acoplado a uma terapia eficiente se mostra em abundância.

Para Thais Bohn, que é residente no Instituto Dante Pazzanese de Cardiologia, o acesso ao tratamento de saúde mental não tem alcançado a meta de atender todos os necessitados. Ela conta que apesar do aumento na relevância do assunto, devido à pandemia de Covid-19, ainda existe um estigma na questão social e os pacientes possuem dificuldades na tentativa de tratamento nos hospitais, pois os CAPS (Centro de Atenção Psicossocial) ficam restritos para casos muito graves, as UBSs (Unidade Básica de Saúde) não possuem vagas o suficiente para toda a população, no Dante Pazzanese só atende se apresentar problemas cardiológicos e o SUS (Sistema Único de Saúde) dispõe de difícil acesso, o que leva os pacientes a recorrerem às clínicas particulares, esclarece.

De acordo com dados do Boletim CEInfo (Coordenação de Epidemiologia e Informação), da Secretaria de Saúde de São Paulo, há cinco centros de saúde mental gerenciados pelas entidades da prefeitura nas regiões da Vila Mariana e do Jabaquara. O Censo

de 2017, último que estima a população por bairro, indicava que a Vila Mariana possuía 344.632 habitantes. E esse desequilíbrio pode apresentar desafios para o atendimento em grande escala. Um dos poucos centros públicos de referência na região é o CAISM Vila Mariana, que é resultado da parceria entre a UNIFESP (Universidade Federal de São Paulo), Governo do Estado de São Paulo e SPDM (Associação Paulista para Desenvolvimento da Medicina).

## Ligue 188

O Centro de Valorização da Vida (CVV) atua na prevenção ao suicídio, dispondo de sigilo e anonimato. Seu atendimento é gratuito pelo número 188 e 24 horas por dia. É possível acessar o chat on-line com o QR Code:



REPORTAGEM E DIAGRAMAÇÃO  
MARCOS MENDES E ZIBIA EMÍDIO

# Geração Z transforma a prática de atividades físicas em estilo de vida



**LIFESTYLE: Ibirapuera é espaço para jovens realizarem exercícios**  
FOTO: ISABELLA MELO

Considerado um dos pilares para o bem-estar físico e mental, o exercício físico tem se destacado cada vez mais como uma prática essencial para a saúde, nas redes sociais os jovens têm discutido sobre a troca dos bares pelas atividades físicas. Na Vila Mariana, reconhecida tanto por seu dinamismo quanto por sua tradição educacional, essa prática é parte do cotidiano de muitos universitários. Entre as intensas jornadas de estudo, a região oferece aos estudantes oportunidades para equilibrar

as exigências acadêmicas com atividades físicas, seja nas academias, nas áreas verdes ou mesmo nas calçadas movimentadas, onde é comum ver os jovens correndo ou pedalando.

A geração Z tem se mostrado ativa nas atividades físicas e saindo na frente quando comparada com as outras gerações. Uma pesquisa realizada pela Brain Inteligência Estratégica mostra que 37% dos entrevistados realizam exercício com regularidade, contra 63% dos que não praticam. Em recorte geracional, é apontado que a geração

Z pratica mais exercícios, com 46% contra 54% que não fazem. O principal argumento dos não participantes é a falta de tempo.

A especialista Karina Condo, professora de educação física e personal revela que notou esse aumento da geração Z há uns três anos, evidenciando essa mudança comportamental entre os jovens de forma recente, um fato curioso citado é que os jovens sentem a necessidade de praticar exercícios em grupo. O que reforça o sentido de tribo, os jovens se unem por interesses parecidos, começam a formar comunidades com um interesse em comum, como lifestyle de uma vida saudável, o que parte também de uma grande influência das mídias sociais.

A geração Z utiliza muito as redes para buscar uma referência e inspiração em atletas e influencers, segundo Karina. "Acredito que a prática de atividade física e boa alimentação está em alta, principalmente pela influência na internet, faz com que as pessoas queiram ser inclusas em algo, como se fosse uma "tribo".

A procura dos jovens não para só nas redes sociais, a saúde mental também é um fator que influencia nessa escolha, a atividade física regular estimula a liberação de neurotransmis-

sores como a serotonina e a dopamina, que desempenham um papel importante na regulação do humor. As estudantes Tayna de Paula, 19, e Bianca Vasconcelos, 20, relatam que uma de suas principais escolhas além do estético é a regulação do humor que trás uma qualidade na saúde mental.

**“É para o meu relaxamento, para a redução do meu estresse. Ajuda a reduzir a minha ansiedade, impacta positivamente na minha rotina e é gratificante”**

Tayna de Paula, 19, estudante

Hamilton Faria, professor de Educação Física e preparador físico,

destaca que o aumento do interesse da Geração Z por atividades físicas está diretamente relacionado à facilidade de acesso à informação nos dias de hoje. Ele aponta que essa geração tem uma compreensão ampliada dos benefícios não apenas físicos, mas também emocionais proporcionados pelo exercício, muitas vezes motivada pela influência de atletas e criadores de conteúdo nas redes sociais. "Eles reconhecem os impactos positivos para o corpo e a mente, o que os leva a adotar hábitos mais saudáveis", afirma.

Além disso, o professor destaca as iniciativas das próprias instituições de ensino para promover o equilíbrio entre o bem-estar físico e mental. Ele cita como exemplos ações como programas de ginástica laboral e iniciativas voltadas à prática de atividades físicas específicas. "Quando os estudantes se exercitam regularmente, ganham preparo físico e mental, o que reflete de maneira positiva tanto no desempenho acadêmico quanto na futura vida profissional", explica.

REPORTAGEM E DIAGRAMAÇÃO  
ISABELLA MELO E  
JOÃO PEDRO BARROS

# Zoneamento prevê mudanças na Vila

## Moradores do bairro relatam que houve 'exclusão em decisões legislativas'

A lei de Zoneamento que caracteriza o bairro da Vila Mariana como ZPR (Zona Predominantemente Residencial) garante que a região seja destinada majoritariamente ao uso residencial e serviços de moradia. Mas uma proposta de mudança nessa lei surpreendeu os moradores locais, que não foram comunicados sobre a decisão. Caso a área seja transformada em ZEU (Zona Eixo de Estruturação da Transformação Urbana), não haverá limite de altura para construções nas ruas Pedro Morganti, Coronel Lisboa e Madre Cabrini e a nascente do córrego do Sapateiro - rio que deságua no lago do parque Ibirapuera, Vila Clementino e Itaim-Bibi - seria diretamente afetada.

A emenda foi proposta pelos vereadores Fábio Riva (MDB) e Isac Félix (PL) e aprovada durante uma reunião do projeto de lei 399/2024. O engenheiro civil e doutor em mudanças climáticas e planejamento urbano, Ivan Maglio, explicou que o prejuízo seria enorme, porque "em geral, essas zonas de Estruturação Urbana permitem prédios com gabarito ilimitado, com três, quatro subsolos, criando alteração profunda na área das águas subterrâneas e provavelmente interferindo com várias dessas nascentes."

Outro prejuízo é a impermeabilização de trechos importantes de cabeceiras do córrego. "O que vai afetar a vida dos moradores é que vai ocorrer uma alteração climática, por-

que quanto mais você verticaliza, há um sombreamento do bairro, há impermeabilização de áreas, aumenta o movimento de veículos e de carros e, ao mesmo tempo, interfere em todo subsolo, em especial nas águas subterrâneas", explica o especialista.

O processo de verticalização da Vila Mariana e outros bairros de São Paulo já é debatido entre a comunidade local. A constante estruturação de edifícios altos e setores comerciais trouxe insatisfação por interferir na qualidade de vida dos residentes. Um conglomerado de 12 associações de moradores se reuniram para assinar uma petição que reivindica uma investigação por parte do Ministério Público para averiguar possíveis irregularidades nas decisões legislativas.

Segundo Denise Delfim, fundadora e conselheira participativa da AVM (Associação de Moradores da Vila Mariana), os residentes não foram previamente informados sobre a alteração na lei. Delfim nos disse que "nós não fomos informados. Fizemos todo um estudo do que deveria ser preservado ambientalmente aqui na Vila Mariana, conseguimos mudar todo esse zoneamento, passamos para 'Residencial' o que era 'ZEU's', e os vereadores resolveram fazer uma revisão do que já estava resolvido".

A fundadora conta que a emenda foi feita a pedido de uma instituição privada da região, "por conta de um lobby do poder econômico, de uma hora



**MEIO AMBIENTE:** Córrego do Sapateiro tem grande importância para o fluxo pluvial de diferentes áreas  
FOTO: JÚLIA BLEICHEVEL E LUMÁ VENÂNCIO

para outra, sem um estudo de viabilidade e impacto ambiental". Moradores relatam ainda que já estão sendo procurados por compradores, mas não têm a intenção de vender as casas.

Delfim conta que essa não é a primeira vez que decisões são tomadas sem debate popular. Um grande terreno em torno ao Córrego do Sapateiro, por exemplo, foi excluído do Zoneamento proposto pela Associação de Moradores da Vila Mariana - mesmo após a comunidade comprovar que o espaço deveria ser preservado.

"Isso sempre acontece. Nós tivemos reunião com advogados, tem um pessoal que na época abriu no Ministério Público uma ação popular

**Essa gestão, essa Câmara dos Vereadores, estão todos ligados às construtoras"**

**Denise Delfim, fundadora da AVM**

das associações. Por enquanto a gente não sabe de nada, vamos ver o que vai acontecer. Mas, por hora, é assim que continua a história. Sem conversa, uma vergonha. A gente trabalhou

muito, participamos da audiência, fomos à noite em reuniões e não adianta nada. E olha que é uma associação, com CNPJ, reconhecida em toda a cidade. E nada, sem um pingão de respeito por nós."

A emenda de mudança de Zoneamento teve 41 votos favoráveis e 12 contrários, o que define sua aprovação. O texto, porém, ainda precisa ser sancionado pelo atual prefeito e correligionário de Fábio Riva, Ricardo Nunes (MDB). A reportagem tentou entrar em contato com a Câmara Municipal e os vereadores responsáveis, mas não obteve resposta.

**REPORTAGEM E DIAGRAMAÇÃO:** JÚLIA BLEICHEVEL E LUMA VENÂNCIO

# 'Governo não quer politizar a sociedade' e desinformação é a consequência disso

No dia 6 de outubro de 2024, José Milton, que trabalha como pedreiro e é morador da Vila Mariana há mais de 30 anos, pegou seu título de eleitor para exercer seu direito ao voto pela primeira vez em três pleitos. Apostou no único candidato que conhecia, o atual prefeito da cidade de São Paulo, Ricardo Nunes (MDB). Ele "não sabia quem eram os outros candidatos". Milton não se recorda dos concorrentes das últimas eleições, exceto pelo atual presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), em quem "votaria se tivesse oportunidade". Do outro lado do bairro, no mesmo domingo, Luís Moreira, morador da região há cinco anos, deixou sua casa com o título digital e votou com consciência em Guilherme Boulos (Psol).

Embora Luís e José morem no mesmo bairro, a diferença no acesso à informação e à educação no meio político guia suas escolhas ao longo dos pleitos de formas diferentes. "A sociedade vai ficando mais complexa com o passar do tempo e as pessoas, sem mérito algum, de maneira geral, não têm capacidade de entender tantas coisas complexas", explica o jornalista Willian Miron, mestre em Ciências Políticas. E essa nova complexidade e

velocidade abriram brecha para que notícias falsas ganhassem espaço nos novos meios de comunicação.

"Estamos vivendo um momento de excesso de informação e com um cidadão cada vez menos qualificado para filtrá-la. Antes, por exemplo, quando apenas os meios de comunicação social, como os jornais, faziam isso, o trabalho do jornalista era, e é, justamente esse: selecionar o conteúdo, com uma curadoria que o jornalista faz. Hoje em dia, as pessoas conseguem colocar o seu próprio conteúdo, sem esse filtro ou mediação", explica o especialista.

De acordo com o Instituto de Pesquisa DataSenado, em pesquisa publicada em agosto de 2024, cerca de 70% da população relata ter recebido notícias e informações que desconfiam ser falsas, e oito em cada dez afirma que a desinformação pode afetar muito os resultados das eleições. Miron explica que parte dessa situação se agrava pelas poucas políticas públicas realizadas para mitigar o problema, sobretudo no âmbito educacional. Muitas das iniciativas governamentais se limitam a ações menores, como a Escola do Parlamento da Câmara Municipal de São Paulo, ou são promovidas por

movimentos privados, como a Fundação Renova BR e o Movimento Voto Consciente.

No âmbito das leis, o processo para maior controle de notícias tem enfrentado entraves por parte do próprio Legislativo. A PL nº 2.630/2020 passou por uma série de controvérsias dentro do governo antes de ser arquivada pelo presidente da Câmara dos Deputados, Arthur Lira (Progressistas), em abril de 2024. "Quando a gente fala de governo, temos de problematizar um pouco a situação. Os políticos que foram eleitos com esse conteúdo rasteiro têm interesse em barrar esse mesmo conteúdo na próxima eleição?", indaga Miron.

Na avaliação do especialista, seria uma utopia desejar que todos tenham um conhecimento de política ou economia, quando esquecemos que as pessoas têm outras prioridades. "A gente que está cobrando, às vezes, educação política, e a pessoa não sabe ler e escrever, as pessoas têm outras necessidades também." Em 2022, uma pesquisa do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) apontou que 11,4 milhões de pessoas acima de 15 anos não sabem ler um simples bilhete. Em comparação com 2012, hou-

**A gente pensa política cada dois anos, apenas na época da eleição"**

**Willian Miron, jornalista**

ve uma queda. Os dados indicam que não existe apoio governamental robusto para fortalecer o ensino no país.

Conforme explica Miron, há pouco debate político no período entre os ciclos eleitorais. A população não recebe incentivo ou costuma pautar um debate que, quando ocorre, acaba limitado à polarização da propaganda nos veículos de comunicação digitais. Segundo o especialista, as discussões são rasteiras, com pouco debate e discursos inflamados, com o único objetivo de chamar a atenção. Ele acredita que a população só conversa sobre política de maneira ativa durante os meses em que ocorrem os pleitos. E os próprios candidatos mudaram sua tática para alcançar eleitores sem

aumentar o ensino político no país. "Todo esse contexto, tanto da necessidade deles de simplificar o debate quanto de tentar alcançar pessoas que não estão pensando nisso", explica.

Para Miron, é preciso ter duas distinções. "Temos evoluído, sim, em algumas leis, mas a gente tem essa pressão. O que não se pode esquecer é que quem faz a lei também é a pessoa que pode ser punida ali na frente por fazer isso, ou que se beneficiou disso, e aí você vai ter o cara que está defendendo a fake news. A gente tem de ser honesto e falar: não é só o candidato X ou Y que faz isso", resume Miron, ao afirmar que o problema envolve candidatos de todos os partidos.

Esta realidade, muitas vezes, passa batida no debate que pauta a educação digital e política da população. "A questão é quem faz, como faz. E é por isso que também tem essa dificuldade de avançar", pondera o especialista. Dentro dessa nova onda de polarização, o desinteresse no embate direto ao problema não parte de um lado ou de outro do espectro político.

**REPORTAGEM E DIAGRAMAÇÃO:** ASHE COSTA E ROBIN G. SANT

# Moradores cobram políticas ambientais

## População da Vila Mariana sofre com desmatamento e obras na região

Considerado um dos maiores polos verdes da cidade de São Paulo, com o parque Ibirapuera nas proximidades, além de praças e corredores, a Vila Mariana passa por um momento sensível no meio ambiente. O movimentado setor da construção, a constante verticalização, as obras em corredores verdes e o acúmulo de lixo em áreas arborizadas estão fazendo o bairro “perder seu aspecto de vila”, como expressa a moradora Tatiana Calestini.

Com a construção civil ganhando cada vez mais força pela cidade, as obras, como consequência, formam ilhas de calor, causando mal estar e prejudicando a saúde da população local. Marina Bragante, secretária-adjunta de desenvolvimento social e recém-eleita vereadora de São Paulo, diz que de acordo com a Lei de Zoneamento, as obras no bairro precisam ocorrer para adensar em regiões mais próximas de transportes públicos, mas, no caso da Vila Mariana, essa mudança é “agressiva”, com as construções de muitos prédios, que impactam o trânsito e o meio ambiente. “Os moradores têm de continuar cobrando a prefeitura, para que a Vila tenha mais árvores, incluindo não derrubar as que já estão plantadas, cuidar delas com poda adequada e garantir que elas não sejam infestadas pelas diferentes formas de pragas”, sugere, ao comentar a necessidade de estimular com que os municípios cuidem da água que eles usam, e entendam o fluxo, porque as chuvas vão ser cada vez mais densas e, portanto, cada vez mais fortes.

A especialista ainda alerta que “os moradores podem ir atrás dos direitos ambientais participando de audiências públicas, de manifestações, além

de garantir a participação social no processo de discussão e de formulação das leis. Essas participações fazem diferenças para a cidade”.

O bairro pode se tornar frágil em épocas de chuvas, porque as árvores auxiliam na mitigação de enchentes, na medida em que diminuem a velocidade e a intensidade em que a água atinge o solo. Com a diminuição de áreas verdes, a Vila Mariana se torna alvo de desastres naturais, afirma a secretária. Em entrevista coletiva, o prefeito Ricardo Nunes (MDB) afirmou, em diversas ocasiões, que as obras nos corredores verdes da cidade são para plantar dez mudas no lugar de cada árvore derrubada.

Mas os moradores da região são contra os projetos, justificando que “para essas mudas ficarem do tamanho de uma árvore e serem resistentes iguais às que têm hoje, demoraria entre 10 e 40 anos para entrarem na fase adulta”, reclama Elizangela Gonzales, uma das líderes do Movimento Salve a Sena Madureira, que questiona a construção do túnel na rua Sena Madureira. A obra atravessa uma área de proteção ambiental, tem provocado indignação e levantado questionamentos sobre suas reais motivações. Entre as vozes críticas, estão os moradores da Comunidade Souza Ramos, que denunciam a retirada de árvores e o soterramento de uma nascente do Córrego do Sapateiro, situada em uma área da ZEPAM (Zona Especial de Proteção Ambiental).

As denúncias dos moradores não envolvem as áreas residenciais. Pelo contrário, não há resíduos espalhados pelas ruas, porque os próprios prédios fazem a separação de lixos recicláveis e orgânicos. O problema está nas áreas urbanas, com descartes de lixos



**PROTESTO:** Manifestações ganham espaço diante de críticas sobre a derrubada de árvores no bairro  
FOTO: JOÃO VITOR BORGES

em locais incorretos e lixeiras mal localizadas. Por isso, a sugestão de Marina é pegar essas separações de lixos e utilizar o que pode estimular o ecossistema de inovação, para os descartes serem utilizados para o aterro.

Já a visão da construção civil e do mercado imobiliário é diferente. Marcelo Gino, diretor da MGP Construções, abordou o tema da verticalização, transformação e a especulação imobiliária em um bairro tão peculiar quanto a Vila Mariana. “Historicamente, [o bairro] possui muitas casas com lotes grandes. Em São Paulo são 10x25, 250m2, na Vila Mariana, são de 20x25, 20x50. Por ser um lote grande e o coeficiente de aproveitamento do bairro ser alto, pela maioria do bairro ser uma ZEU (Zona Eixo de Estruturação da Transformação Urbana) ela possui a maior zona de material construtivo dentro do mercado imobiliário, pois assim você pode construir quatro vezes o tamanho do lote. E por ter toda essa estrutura, todo mundo

quer morar perto do Ibirapuera, do metrô, de uma faculdade ou de um hospital. A especulação imobiliária se dá por conta disso. É inevitável você não sofrer essa transformação.”

A subprefeitura divulgou projetos relacionados às metas da Agenda 2030 para chegar ao desenvolvimento sustentável proposto pela ONU (Organização das Nações Unidas). Isso porque a agenda de 2021, definida em

2015, se referia a um conjunto de metas e compromissos para o desenvolvimento sustentável da região que não foram atingidos.

**REPORTAGEM:**  
ANA LUIZA GUIMARÃES, JOÃO VITOR BORGES E VITÓRIA FERREIRA  
**DIAGRAMAÇÃO:**  
ANA LUIZA GUIMARÃES E JOÃO VITOR BORGES

### AGENDA 2030

Cooperação entre as nações para chegar ao desenvolvimento sustentável; Sustentabilidade e crescimento demográfico; Proteção da atmosfera; Planejamento e ordenação no uso dos recursos da terra; Combate ao desmatamento das matas e florestas; Combate à desertificação e seca; Preservação dos ecossistemas do planeta; Desenvolvimento rural com sustentabilidade; Preservação dos recursos hídricos; Conservação da biodiversidade no planeta; Tratamento e destinação responsável dos diversos tipos de resíduos; Fortalecimento das ONGs na busca do desenvolvimento sustentável e Educação como forma de conscientização para as questões de proteção ao meio ambiente.

## NÓS BUSCAMOS

A COMUNICAÇÃO QUE FAZ DIFERENÇA

### E VOCÊ, O QUE BUSCA?

FAPCOM, FORMANDO COMUNICADORES PARA UM NOVO TEMPO.

RÁDIO, TV E INTERNET | RELAÇÕES PÚBLICAS  
PUBLICIDADE E PROPAGANDA | FILOSOFIA  
JORNALISMO | PRODUÇÃO AUDIOVISUAL

ENTRE EM CONTATO E SAIBA MAIS!

11 98751-1659



**VESTIBULAR  
FAPCOM 2025.1**

INSCRIÇÕES ABERTAS  
PARA O PRIMEIRO  
SEMESTRE DE 2025



CURSOS COM  
**NOTA DE EXCELÊNCIA**  
NO MEC E ENADE

MILENA BLANK  
ALUNA FAPCOM



# Verde que transforma o cinza do bairro

## ‘Horta Comunitária da Saúde’ celebra o fortalecimento dos laços sociais



**A MÃO DE QUEM CUIDA:** Elza Kusaka, uma das coordenadoras do projeto, se dedica a manter o verde na região desde 2016: ‘Eu me sinto uma pessoa de sorte’, revela  
FOTO: NATHALIA OLIVEIRA

Um espaço de troca, conexão, conhecimento, colaboração e, principalmente, sustentabilidade. A Horta Comunitária da Saúde, que há uma década proporciona o espírito de comunidade e união entre os moradores, surgiu do sonho do ativista ambiental Sérgio Shigeeda (que morreu em 2023). Ele sempre morou na região e viu ali a oportunidade de reconstruir um terreno baldio coberto de lixo que pertencia à prefeitura em um espaço sustentável e de utilidade para os moradores do bairro da Saúde.

A Horta adota a metodologia da permacultura, um sistema sustentável que tem como objetivo construir ambientes que atendam às necessidades humanas sem esgotar ou poluir o ecossistema, e é a casa de mais de 30 espécies de plantações, entre verduras, legumes, hortaliças e grande variedade de plantas comestíveis, as PANCs (Plantas Alimentícias Não Convencionais).

Segundo o engenheiro agrônomo Carlo Corabi, o processo crescente de verticalização das áreas urbanas resulta na limitação do contato direto entre as pessoas e pode afetar a convivência comunitária. Por isso, as hortas comunitárias são essenciais. “O papel fundamental das hortas urbanas está na educação ambiental e na socialização. As cidades estão cada vez mais verticalizadas e as pessoas têm pouco contato. As hortas comunitárias promovem o contato humano e a troca de ideias e experiências. Para o engenheiro ambiental Eduardo Ribeiro, “hortas comunitárias incentivam a convivência, criando laços sociais e combatendo o isolamento”.

O projeto de plantação coletiva, assim como toda a manutenção da horta, é realizado exclusivamente por voluntários locais e de bairros próximos. Para alguns moradores, tornou-se uma maneira essencial de se

conectar com áreas verdes, algo raro devido à urbanização da região. Esse é o caso de André Nakao, um dos voluntários que reside no prédio vizinho há 10 anos. Ele relata as dificuldades enfrentadas e o que o motivou a fazer parte do projeto. “Antes, morava em uma casa com jardim, onde eu podia plantar. No apartamento, senti muita dificuldade em continuar com esse hábito por falta de espaço.”

André também conta sobre o impacto da horta. “O que mais me marcou foram as pessoas voluntárias que conheci e criei uma forte afinidade. Uma grande vantagem de participar disso, é a diferença que senti entre plantar sozinho e plantar em comunidade. A diversidade de plantas que cada um traz enriquece a experiência”, lembra.

A horta é utilizada principalmente para fins educacionais, permitindo que as pessoas conheçam mais sobre o cultivo de alimentos por meio do cuidado coletivo. “Embora alguns produtos sejam consumidos, a maior parte é destinada a ensinar e compartilhar conhecimentos”, explica Sônia Mafra, voluntária do projeto desde 2013.

Além de explorar os conhecimentos ecológicos, ela compartilha sua percepção sobre o impacto da horta na comunidade. “Eu acredito que a região se torna mais segura quando as pessoas se conhecem. Por exemplo, a maioria das pessoas aqui eu nunca teria conhecido. Agora, andamos pelas ruas, paramos e conversamos, o que aumenta a sensação de segurança, pois a familiaridade entre as pessoas torna mais difícil a ocorrência de problemas. A violência na região diminuiu.”

A transformação de uma sociedade em comunidade envolve a construção de sentimentos de coesão e cooperação entre as pessoas, o que é exposto cada vez mais na horta. Elza Kusaka, uma das coordenadoras do espaço e

voluntária desde 2016 explica como a dinâmica mudou a rotina. “Eu saía aqui de manhã pra trabalhar, voltava e eu não conhecia ninguém. Agora conheço um monte, toda a vizinhança. Eu comecei a conhecer mais gente da região. Nós seguimos isso aqui. E com todos. A gente sempre contempla essas coisas. E todo mundo é da paz.”

**Hortas incentivam a convivência e promovem um sentimento de pertencimento e apoio mútuo”**

**Eduardo Ribeiro,  
engenheiro ambiental**

### CONTATO COM A NATUREZA

Uma pesquisa realizada na Universidade de Southern California em julho de 2016 revela que adolescentes que crescem em contato com a natureza são menos propensos a desenvolverem comportamentos agressivos. As justificativas para isso podem ser muitas. Eduardo explica que “o contato com a natureza nas hortas diminui níveis de cortisol, o hormônio do estresse, proporcionando relaxamento, com efeitos benéficos na saúde mental”. No estudo, foi considerado que áreas verdes em meios urbanos ajudam a preservar a biodiversidade microbiana necessária para regular a imunidade e a atividade cerebral, refletindo em benefícios diretos à população.

Em meio às constantes podas de árvores na região, destaca-se o grande

desmatamento na área da Sena Madureira, no bairro da Vila Mariana, onde o Ministério Público já solicitou a anulação do contrato de construção de um túnel devido ao significativo dano ambiental previsto. Muitos moradores têm se manifestado e protestado contra a remoção das árvores. O agrônomo Carlos Corabi conta que a ideia é fazer um túnel naquela região e que “já iniciaram as obras e estão cortando as árvores. É uma obra irregular, com várias inconsistências do ponto de vista ambiental. A licitação está afetando também uma nascente, o córrego que passa pelo local, que está sendo desapropriado. Esse é um exemplo típico de que a prefeitura, em vez de ajudar na área ambiental, está permitindo que mais uma área seja devastada”, opina.

A especulação imobiliária tem se intensificado nas grandes cidades, principalmente em áreas centrais. Esse fenômeno é particularmente evidente na Vila Mariana, onde prédios estão surgindo rapidamente. O agrônomo Carlos Corabi destaca que “aquí na Vila Mariana, que é a nossa região, é um local bem crítico, estão saindo prédios a torto e a direito. É impressionante a especulação”.

Corabi também lamenta a substituição de árvores grandes por espécies menores, que demoram décadas para atingir o porte das que foram removidas. “Aqueles que estão derrubando hoje na avenida Sena Madureira, são todas árvores antigas, grandes,” comenta, enquanto planejam ações de plantio global para chamar a atenção para a importância das áreas verdes.

Os voluntários Elza, Sônia e André, membros ativos do CADES (Conselho de Meio Ambiente, Desenvolvimento Sustentável e Cultura de Paz), destacam a importância de uma aliança com o poder público para a realização de mais ações verdes na região. “A

### ‘E PLANTA FAZ ISSO?’

## O que são as PANCs?

As PANCs (Plantas Comestíveis não Convencionais) são plantas comestíveis que não fazem parte da dieta alimentar tradicional, mas que possuem potencial nutricional, medicinal e de uso culinário. Com a crescente preocupação com a segurança alimentar e o impacto ambiental da produção agrícola convencional, as PANCs têm sido vistas como uma alternativa promissora para promover a segurança alimentar.

gente tem de ter sempre o poder público com a gente. Muitas coisas dependem do poder público. Por exemplo, a Secretaria do Verde, quando a gente faz o plantio, eles fornecem a muda, fornecem suplementos. É tudo junto,” explica Elza.

O trabalho conjunto entre cidadãos e poder público não só fortalece as ações verdes, como promove a conscientização e a valorização das áreas verdes na cidade. “A maioria das pessoas não faz é participar da subprefeitura. Saber que a subprefeitura do seu bairro é um lugar que você pode ter acesso, que você pode ir lá, que você pode participar, que pode fazer coisas para melhorar o seu bairro”, finaliza Sônia.

REPORTAGEM E DIAGRAMAÇÃO:  
NATHALIA OLIVEIRA  
LUIZ OTTOLINI

# Capoeira na Vila Mariana é 'resistência'

## Presença feminina no esporte reflete luta por igualdade e reconhecimento

Nas rodas de Capoeira da Vila Mariana, em São Paulo, mulheres de diferentes idades e trajetórias têm ocupado espaço como protagonistas no esporte que historicamente demorou para reconhecer a figura feminina. A capoeira, originada entre os povos escravizados no Brasil colonial, foi marginalizada e considerada prática clandestina. Sua dualidade, que mistura luta, dança e música, a transformou em um esporte único e ligada à história de arte e resistência dos negros no Brasil.

Para as mulheres, o desafio foi ainda maior: por muito tempo, o universo da capoeira foi predominantemente masculino, com poucas oportunidades para expressarem força e habilidades no esporte. A professora Andreza Pereira Moura, chamada de Energia, do grupo Abadã Capoeira, é um exemplo do crescimento, presença e luta da mulher dentro da roda. "Naquela época (quando criança) a gente era menina, queria brincar e não podia. Meu pai não aceitava que mulher fizesse capoeira, então quando eu fiz 15 anos, o povo abriu um projeto perto da minha casa. Foi onde minha mãe me matriculou, mesmo meu pai não querendo", revelou Energia sobre como iniciou sua carreira no esporte.

A professora atuou na Vila Mariana até o nascimento do seu primeiro filho, continuou a prática na região de São Paulo, por sua determinação e iniciativas dentro da capoeira,



**IDENTIDADE:** Coletivo Abadã-Capoeira monta roda inteiramente feminina na região  
FOTO: EMANUELLE BERTOLONI

ra, se tornou inspiração e representatividade feminina dentro do coletivo, para ela existe um avanço significativo das mulheres nas rodas. "Sou a única que permanece da minha época, muitas não ficaram, muitas vezes devido ao preconceito e às dificuldades enfrentadas. No entanto, hoje eu vejo as coisas de forma diferente, acredito que a mulher pode ocupar o espaço que deseja, independentemente de quem esteja ao seu redor."

Com o passar dos anos, mulheres começaram a romper barreiras, mostrando que a capoeira também é espaço de liderança e protagonismo feminino. Em bairros como a Vila Mariana, a presença das mulheres tem crescido, impulsionada por projetos sociais e organização de eventos voltados para a participação feminina. Essas iniciativas têm sido

fundamentais para garantir o reconhecimento das capoeiristas como peças essenciais na construção do esporte.

Para Reginaldo Santos, conhecido como Mazinho, professor e pesquisador do grupo Abadã, a desigualdade de gênero ainda reflete na participação feminina. "A questão social faz com que as mulheres saiam da capoeira. Assim, homens possuem mais tempo para as atividades lúdicas. As mulheres ainda têm uma jornada intermitente e paralela, são poucas que podem gerenciar todas as demandas mais o esporte que precisa de uma presença. Mas, é importante focar nas mulheres que ficam. Na resistência das mulheres que ficam."

Dentro do recorte da região, o especialista ressalta que é um bairro de classe média alta, e com isso, a ca-

poeira está fora do "plano principal". Mazinho ainda faz um paralelo com outros esportes. "As classes sociais falam muito sobre a participação na capoeira. Na Vila Mariana ainda é muito pequena, oposto aos esportes de hype (popular) como o crossfit."

Priscila Arake, a Sorriso, aluna da Abadã na Vila Mariana, exemplifica o crescimento feminino e a procura pelo esporte. Ela relembra o desafio inicial de entrar no esporte, algo que desejava desde criança, mas só colocou em prática quando adulta, principalmente devido à falta de apoio familiar. "Minha família sempre incentivou muito os estudos, mas a capoeira em si achavam que era mais um hobby, uma brincadeira. Até hoje, eles pensam isso da capoeira, que é mais hobby, brincadeira, coisa de rua."

Na capoeira, as mulheres não enfrentam apenas desafios técnicos, há também questões sociais e culturais que ainda precisam ser superadas. A instrutora do Abadã, Ísis Cristina, destaca, que, embora o ambiente esteja mais acolhedor, o preconceito ainda existe, e é um processo em evolução "Sabemos que é muito difícil (apoio feminino), não só na capoeira, mas em outras artes. É muito difícil ter mulher na capoeira, mas acho que é um desafio que estamos conseguindo enfrentar."

### MARCANDO ESPAÇO

Na região, no esporte marcado pela resistência e identidade, as estatísticas dão lugar para nomes e rostos responsáveis por trazer voz, força e movimento dentro da roda "Em relação ao esporte, podemos analisar com o futebol no Brasil, a mulher e o futebol. Os holofotes são masculinos, assim como na capoeira, de 2022 para cá, tem uma plataforma VMB (Volta do Mundo Pampas) que incentiva as competições do esporte, e a mulher ainda não aparece. Ainda é um processo", evidenciou Mazinho. "Hoje, eu consigo ver a força feminina, a gente consegue fazer barulho, a gente consegue dizer 'estamos aqui', e cada vez vai vir mais mulheres na capoeira", conclui Ísis Cristina,

REPORTAGEM E DIAGRAMAÇÃO:  
ANNA CELLI DOS SANTOS FARIA E  
EMANUELLE BERTOLONI

# Atletas paralímpicos da região falam sobre inclusão por meio do esporte

Para além do lazer e da competição, o esporte tem a capacidade de melhorar a qualidade de vida de qualquer pessoa. Não é raro atletas revelarem como levavam uma vida completamente diferente antes de se conectarem com esse ambiente. Um desses casos é Gabriel Lemos. Aos 27, o nadador paralímpico declara que teve na natação a chance de se reinventar. "O esporte mudou minha vida. Antes, eu estava parado, deprimido, até descobrir a natação paralímpica. Mudou a minha rotina, me deu mais ânimo, vontade e direção para conquistar meus objetivos na vida."

**“Salvou-me de uma depressão”**

**Gabriel Lemos, 27, nadador paralímpico**

A prevenção de ansiedade, estresse e doenças são apenas alguns benefícios da atividade física regular: o aumento da autoestima também é significativo. Para Ana Paula Nedasvaka, secretária-executiva dos Direitos da

Pessoa com Deficiência do Estado, a prática esportiva tem como intuito não só a disputa. "É um passo importante para a inclusão e a construção de uma vida independente. Por meio do esporte, jovens com deficiência têm a oportunidade de desenvolver habilidades que vão além das competições, conquistando autonomia e confiança."

Ao promover disciplina, respeito e trabalho em equipe, o esporte desenvolve em seus praticantes habilidades sociais que moldam cidadãos mais cooperativos. Cássio Damião, técnico de atletismo paralímpico, enxerga seu trabalho sob o aspecto educador, tendo como objetivo não apenas o resultado, mas também o fato de contribuir para uma sociedade melhor. "Formamos cidadãos para o futuro. Você está lidando com um ser humano."

Gabriel e Cássio treinam no CTB (Centro de Treinamento Paralímpico Brasileiro), localizado no bairro do Jabaquara, na zona sul de São Paulo. O Centro conta com área para a prática de 15 modalidades, além de dispor de departamentos de fisioterapia e medicina. Essa estrutura robusta coloca o CTB como o quarto maior complexo paralímpico do mundo, segundo o IPC (Comitê Paralímpico Internacional). O local, que também recebe eventos e

competições, foi inaugurado em 2016, em obra financiada pelo Governo Federal, com a ideia de desenvolver iniciativas que ajudam a massificar o esporte paralímpico no Brasil e auxiliar na inclusão da pessoa com deficiência na sociedade.

Com abertura de vagas de trabalho a jovens voluntários, projetos de lei aprovados para incentivos e programa de bolsa atleta, o centro oferece um espaço acessível. Um dos projetos da instituição é o Escola Paralímpica de Esporte, com a finalidade de prestar atendimento gratuito e de qualidade a alunos com deficiência física, visual e intelectual na faixa etária entre 7 a 17 anos.

Segundo Ramon Pereira, diretor de desenvolvimento esportivo do Comitê Paralímpico Brasileiro, a importância de programas como esse é acolher pessoas com deficiência que não têm espaço para desenvolver o hábito de se exercitarem diariamente. "Nas escolas regulares, os alunos são dispensados das aulas de atividade física porque os professores, muitas vezes, não têm o conhecimento de como planejar uma aula inclusiva."

O desinteresse e a falta de incentivo no paradesporto se estendeu no Brasil por muitos anos. Como a pri-

meira medalha paralímpica veio apenas em 1976, no Canadá, na 5ª edição dos Jogos, a falta de investimento foi o grande obstáculo na trajetória de inclusão dos paratletas por décadas. No entanto, essa é uma realidade que muitos afirmam ter mudado. Agora, a barreira a ser superada é outra: a visibilidade dos meios de comunicação. Segundo Daniel, há apoio governamental, "tanto é que conseguimos o melhor resultado do Brasil em toda a história. O que falta é a divulgação do nosso trabalho na mídia. Vimos nesta paralimpíada uma exclusão do paradesporto, tendo transmissão apenas de canais secundários"

### PRESENÇA NA MÍDIA

Os índices de audiência nas paralimpíadas vem crescendo a cada edição. Em comparação com a competição de 2021, nos Jogos de 2024, a Rede Globo, dona dos direitos de transmissão do evento, registrou um aumento de 72% de audiência no Futebol de Cegos e de 199% de usuários em suas plataformas de streaming. Além de 11,7 milhões de visualizações no site Globo Esporte. Porém, mesmo com o aumento do público, a exposição da mídia não acompanha a demanda: a cobertura foi televisionada apenas no

SporTV2, canal secundário de televisão fechada.

Nos Jogos Paralímpicos de Paris, em 2024, o Brasil obteve o seu melhor desempenho na história das Paralimpíadas: as 89 medalhas conquistadas, sendo 25 de ouro, 26 de prata e 38 de bronze, qualificaram o país como 5º colocado no quadro de medalhas.



**VISIBILIDADE:** Jovens buscam valorização do paradesporto na região  
FOTO: LEANDRO GERALDO

REPORTAGEM:  
LEANDRO GERALDO  
MATHEUS LOPES

DIAGRAMAÇÃO:  
BEATRIZ SANT'ANA

# Museu Afro valoriza memória 'apagada'

## Com 20 anos, centro cultural oferece nova visão sobre cultura e educação

Em 1984, Gilberto Gil lançou "A Mão da Limpeza," canção que reflete sobre o racismo estrutural, o trabalho e o papel do negro na sociedade brasileira. Quase 40 anos depois, a mensagem da composição permanece tão relevante quanto o debate racial que se expande das redes sociais, para espaços culturais significativos como o Museu Afro Brasil Emanuel Araújo, localizado dentro do Parque Ibirapuera.

O museu é um dos principais centros de preservação e valorização da cultura afro-brasileira no país, exibindo um acervo diverso de mais de oito mil obras — de arte religiosa a instrumentos e registros históricos — que vai além do entretenimento, se firmando como espaço político e cultural essencial para São Paulo e o Brasil.

Uila Garcia, educadora que trabalha no museu, comenta sobre como a instituição e as exposições inseridas nela contribuem enquanto sociedade em questões nacionais, e que o conjunto de obras oferece uma narrativa essencial sobre a diversidade e a complexidade da formação do Brasil, pois, ajuda a tirar a imagem limitada de que a memória africana é especialmente escravocrata. "Pensar em uma experiência africana que escapa de objetos de tortura é importante para a gente ressignificar os significados e combater o racismo."

**"Por muito tempo, acreditei que a única história africana fosse a escravidão"**

**Uila Garcia,**  
educadora

Frequentemente, a instituição recebe visitas de diversas escolas, e a presença de crianças e jovens nesse espaço representa uma ação educativa fundamental. Em 2023, o museu recebeu mais de 26 mil visitantes que faz parte do público educativo, que, comparado a 2018, teve uma queda de aproximadamente mais de 12 mil pessoas, de acordo com o Portal de Transparência da Cultura do Governo do Estado de São Paulo. Integrar o museu ao currículo escolar é importante porque permite que os alunos aprendam mais sobre a história e cultura afro-brasileira, explorando temas como tecnologia, conhecimento e religião. Esse aprendizado se vincula com a lei 10.639 que torna obrigatório esse ensino nas escolas, conforme destaca a educadora.

Assim, para Uila, o museu oferece uma experiência única, permitindo que os alunos aprendam de forma prática, em um ambiente que os conecta diretamente com a cultura afro-brasileira. "A partir disso ajuda também a tirar o estigma da própria arte, essa arte erudita, a arte de museu que é sobretudo branca, mas também elitizada, esse corpo que precisa estar mais



**LEGADO:** Desde 2009, espaço propõe discussão sobre a importância da população negra no território nacional

FOTO: MAJU COSTA

educado dentro do museu", completa.

Por isso, ao olhar em livros didáticos, é comum encontrar histórias que geralmente tratam os bandeirantes e colonizadores portugueses como "heróis" nacionais. Isso ocorre porque, em teoria, eles seriam os grandes protagonistas dos principais eventos que ajudaram a formação do país há mais de 500 anos. Um exemplo é Borba Gato, um bandeirante paulista que participou das expedições em busca de ouro e escravos, embora seu heroísmo seja contestado.

Muitos locais na cidade de São Paulo abrigam homenagens aos colonizadores, sejam museus, estátuas, nomes de ruas etc. Obras como o monumento a Pedro Álvares Cabral e o Movimento das Bandeiras, conhecido popularmente como Empurra-Empurra, se destacam nesse contexto por estarem situadas no Parque Ibirapuera, mesmo local onde o Museu está.

Apesar de seu valor artístico e histórico, essas obras podem ser alvo de questionamentos tanto de historiadores quanto do público, que refletem sobre as figuras realmente homenageadas e o quanto a população conhece da verdadeira história dessas pessoas e do Brasil, para além dos livros escolares destacando a importância e a necessidade de espaços como o Afro Brasil em contar outras partes da mesma história.

"É muito bom que esse lugar exista, mas eu acho que ele também poderia existir em outros espaços" comenta Kauane, pós-graduanda em História. Em visita ao Museu durante um evento promovido por sua faculdade, ela destacou as homenagens à escritora Carolina Maria de Jesus, bem como os acervos religiosos e as imagens que integram a coleção.

Quando questionados sobre a importância do Museu Afro Brasil, outros visitantes concordam, ressaltando o senso de identidade que o Museu desperta em diversos públicos. Débora, por exemplo, que estava a passeio com seu marido, ressaltou obras focadas em temas religiosos. "Eu sou negra, então é importante a gente revisitar o passado. A gente ver que existem outros artistas, além de artistas europeus, além de artistas brancos. Acho muito importante."

A homenagem para Carolina e os objetos religiosos fazem parte de duas das seis exposições de longa duração que o Afro Brasil comporta: História e Memória e As Religiões Afro-Brasileiras, respectivamente. Além de outras mostras que explo-

ram o continente africano, os saberes e tecnologias trazidas pelos africanos escravizados, festas populares brasileiras e artes plásticas.

Eles também apontam como a localização amplifica seu valor educativo, atraindo pessoas que entram por pura curiosidade, como também mencionado pela educadora.

Em duas décadas de legado, o Museu Afro Brasil Emanuel Araújo já recebeu diversas exposições sobre os mais diversos assuntos com o objetivo de mostrar através da arte, a história do mundo e do Brasil pela ótica do povo negro, ajudando a quebrar estigmas e construir uma narrativa na percepção das pessoas pouco explorada, se tornando uma grande contribuição para a Cultura do bairro da Vila

Mariana, em São Paulo e do Brasil.

### SERVIÇO

Localizado próximo ao portão 10 do Parque Ibirapuera, o museu funciona de terça a domingo, das 10h às 17h. Os ingressos custam a partir de R\$7,50 sendo quarta-feira o dia gratuito. Para fins educacionais, o museu oferece visitas mediadas por uma equipe de educadores, de terça a sexta, tendo a duração de 1h. A faixa etária é a partir de 7 anos, comportando de 10 a 120 pessoas.

**REPORTAGEM E DIAGRAMAÇÃO:**  
GUILHERME ANÉAS E MAJU COSTA

## Lei 10.639 - Educação Antirracista

Implementada em 2003, a lei 10.639 foi um marco na luta antirracista no Brasil, pois nela, é obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas do fundamental ao ensino médio, sejam públicas ou privadas.

Em 2004, foram definidas as Diretrizes Curriculares Nacionais, que ressaltam a valorização das raízes africanas na construção do Brasil, ao lado de contribuições europeias, indígenas e asiáticas.

Porém, a aplicação desta lei ainda enfrenta barreiras. Uma pesquisa recente feita pelo Instituto Alana com o apoio da UNDIME (União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação) e UNCME (União Nacional dos Conselhos Municipais de Educação), realizada em 2022, com 1.187 Secretarias Municipais da Educação, revelou que 71%

delas realizam pouca ou nenhuma ação para a implementação da lei 10.639.

Mesmo após 20 anos de sua promulgação, a maioria das redes municipais de ensino ainda falham em garantir a aplicação consistente da lei, com apenas 29% das secretarias municipais que de fato desenvolveram ações contínuas para o ensino da história afro-brasileira e africana.

Diante disso, o estudo declara a necessidade de ações mais efetivas para enfrentar o racismo estrutural presente nas escolas. O cumprimento integral da lei depende de um esforço maior das secretarias para integrar essas diretrizes e promover uma educação mais inclusiva.

A lei está disponível para acesso no site oficial do Planalto ([www.gov.br/planalto/pt-br](http://www.gov.br/planalto/pt-br)).

# Batalha do Ana Rosa atrai público jovem

## ‘É uma das quatro maiores de São Paulo; isso abre portas’, diz MC Gamba

A Batalha do Ana Rosa, que teve início em 2015, se consolidou como um lugar relevante para artistas e amantes da cultura urbana. Realizada em uma praça da comunidade, o evento reúne graffiti, rap, dança e apresentações ao vivo, promovendo a inclusão e a expressão artística. Além de valorizar a arte, a batalha aborda problemas sociais e políticos, como desigualdade, violência e ajuda a unir as pessoas. Com um público diversificado, a arte transforma a cultura local em uma ferramenta de mudança social.

**É muito bom ver meus amigos conseguindo viver da arte deles, isso é só 1% do que eles merecem”**

**MC ST Original, 24, rapper**

Nos últimos anos, a batalha atrai um número cada vez maior de participantes e espectadores de diferentes regiões. Essa expansão não só destaca o talento local, mas também promove a troca cultural e a interação entre di-

ferentes comunidades. À medida que mais pessoas de fora se juntam, a batalha de rima se fortalece como um importante espaço de expressão artística e inclusão social.

Segundo Lucas Scarabé, conhecido como MC Gamba, ao ser perguntado sobre o que o motivou a participar da Batalha do Ana Rosa, o artista compartilhou que, além de seus amigos que frequentam o evento, ele tem uma amizade com membros da organização e vê a competição como uma oportunidade única. “Ela é uma das quatro maiores batalhas de São Paulo, e isso abre muitas portas, além de ser um ambiente onde o rap é vivido intensamente. A energia do evento e a visibilidade que ele oferece são fatores fundamentais para o crescimento de qualquer artista”, conta.

Com um público grande, o evento cria uma atmosfera única que impulsiona a criatividade dos MCs, a presença da plateia animada não só dá força para as rimas, mas também torna a experiência mais envolvente, contribuindo para o clima energético que caracteriza a competição. Para ele, esse apoio do público, somado à visibilidade que a batalha oferece, torna a Ana Rosa um palco singular no cenário das competições de rap na capital.

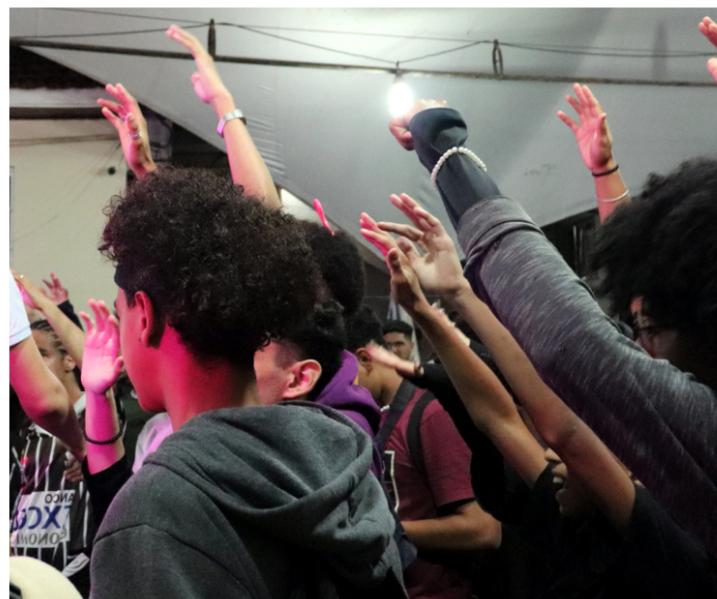
O impacto cultural desse evento na praça da estação do metrô, tem se tornado um fenômeno de público cada vez maior na cidade, com pessoas de diferentes idades e lugares se locomovendo especialmente para prestigiar

o evento. Em todas as suas edições, diversos MCs que passaram por disputas até chegarem à classificação da batalha do dia, se deslocam de suas regiões e se reúnem para compartilhar versos criativos, chamando atenção tanto de quem passa pelo local quanto dos frequentadores fiéis.

Apesar de ser uma oportunidade de expressão artística, a batalha incentiva e promove a inclusão, transformando a estação em um lugar repleto de arte e expressão daquelas pessoas. O sucesso é tanto que o evento já é considerado um dos principais pontos de encontro para os apreciadores do rap e da cultura urbana na região. Essa popularidade também é evidente nas plataformas digitais, onde transmissões são compartilhadas tanto pelos frequentadores quanto pelo perfil oficial, que destaca os melhores momentos e o talento dos participantes.

### HIP-HOP EM TRANSFORMAÇÃO

O universo do hip hop está em constante transformação, nos últimos anos, especialmente com a ascensão da internet, a cultura do rap e das batalhas de MCs ganhou uma visibilidade que antes parecia impossível. A influência desses jovens artistas tem sido notável, e, segundo um veterano do movimento, conhecido como MC ST Original, há uma conscientização crescente sobre o impacto positivo que essas expressões culturais estão causando, embora ainda existam desafios a serem superados.



**HIP HOP: Batalhas de rima na capital movimentam jovens a noite**  
FOTO: LARISSA MARGARIDA

“O público dos MCs, em sua maioria, é formado por jovens. Eles estão fazendo o papel deles de influenciar de forma positiva, de mostrar a realidade do hip hop para as novas gerações”, afirma o rapper ST, que observa que a influência pode ser tanto benéfica quanto desafiadora. Embora muitos dos novos artistas ainda não tenham o entendimento completo do que é esse estilo musical e a sua essência — com seus quatro pilares: o rap, o break, o graffiti e o DJ — ele acredita que com o tempo esses MCs devem se aprofundar, como aconteceu com as gerações anteriores.

Essa formação de jovens cantores do ritmo vem se destacando, principalmente por esses meios comunicativos, os quais oferecem uma plataforma para que suas vozes alcancem públicos distantes. Isso se reflete na maneira como o movimento do rap, historicamente marginalizado, é agora reconhecido como uma expressão cultural genuína. Ele acredita que esse processo de difusão da internet é positivo, pois mostra sobre o que realmente representa o hip hop.

**REPORTAGEM E DIAGRAMAÇÃO:**  
BIANCA HIRAKAWA E  
LARISSA MARGARIDA

# Banda dos Seguranças do Metrô cria ‘pontes culturais’ por toda São Paulo

O que molda um povo é sua cultura, ela permeia toda uma nação, da base da pirâmide ao topo. Mas o acesso a trabalhos artísticos é cada vez mais difícil em grandes centros, até mesmo os talentos emergentes dificilmente conseguem manter o espetáculo aberto ao público geral. Assim, intervenções culturais populares se mostram pontes na tentativa de minimizar o distanciamento. Algumas instituições privadas e públicas apostam em mecanismos de cultura, como o Metrô de São Paulo, que, desde 1978, adota a ideia de expor obras de arte contemporânea em algumas estações. Fato é que a estratégia isso pouco toca a grande massa. Foram algumas tentativas, até chegar na solução correta: a Banda dos Seguranças do Metrô (BSM).

Essas áreas de cultura são pouco divulgadas e dificilmente têm o devido espaço. O que prevalece, por fim, são os espetáculos de mainstream (grande mídia), mas eventos como Rock In Rio e LollaPaloosa estão longe da realidade do grande público, já as rodas de samba e as batalhas de rap parecem escassas e o funk ainda é visto como marginalizado. Para o cineasta e professor Renato Candido, essa aceitação de pessoas faz com que grande parte da população se mantenha distante de meios culturais.



**ALÍVIO DIÁRIO: BSM tem agenda itinerante para atender públicos em diversas estações da capital**  
FOTO: THACIO MELLO

Para reverter esse quadro, a banda fundada pelos funcionários da segurança se apresenta periodicamente nas estações do metrô, trazendo um repertório variado que tenta agradar gregos e troianos. O alvo é a acessibilidade, o ingresso é o valor da passagem. A iniciativa do grupo foi abraçada pela instituição. Além das estações do Metrô, a banda já se apresentou em grandes palcos como teatro municipal.

Isaac, Ivan, Morace, Cipriano, Wagner e Lucivaldo compõem a formação atual da BSM que roda por São Paulo. Os colegas contam que se conheceram durante o exercício da profissão. Também comentam sobre o início da BSM, que já nasceu altruísta. O maestro

Lucivaldo conta que “o Metrô propôs isso para trazer uma humanização. Eles falaram assim: ‘vamos de repente ir em um orfanato fazer uma caridade. Não vamos levar só isso, vamos levar um pouquinho de música também”.

O retorno veio e os rapazes ganharam reconhecimento. Agora, a rotina é assim: às 14h, o público já começa a aparecer, para o show que inicia às 18h, o laço criado entre a banda e os ouvintes foi se fortalecendo e os integrantes da BSM entendem o papel da banda em humanizar os seguranças. “Proporcionar uma aproximação entre passageiros e funcionários por uma conexão de valores incomuns”, informa o Metrô.

Renato comenta o “papel da música,

como acontece nessas experiências do Metrô, é quase como um alívio cotidiano”, reforça o cineasta, ao abordar sobre a importância dos editais para fomentar a cultura. O que implica diretamente na criação de novos mecanismos e acesso à cultura. Algo que tanto a BSM quanto o Renato concordam é que seria importante um espaço maior para a atuação de meios alternativos.

Até houve algumas oportunidades para a banda tocar fora do Metrô, mas isso não necessariamente se replica para demais artistas. Ivan, o vocalista, comenta que a cultura, em âmbito nacional, é vista como descartável. “Desde muito cedo (fora do Brasil), as crianças têm contato com cultura não como um

acessório, mas como uma educação.”

Estudo publicado na revista JAMA Network Open, em 2022, aponta que a música é tão benéfica para a saúde mental quanto exercícios físicos. O estudo é exemplificado pelo maestro da banda, Lucivaldo, quando ele lembra de um episódio que marcou a história da banda. Ao final do segundo show, uma mulher pediu para que assinassem uma camisa, nela estava escrita a frase “BSM salvou a minha vida”.

### AGENDA LOTADA

O público é transitório e a BSM é itinerante. Por mais que sejam diretamente vinculados ao Metrô, já fizeram grandes shows como no teatro de São Paulo, na TV aberta e frequentemente aparecem no noticiário da Rede Globo. E suas “casas” favoritas são a estação da Ana Rosa na Vila Mariana, estação da Sé no Centro da cidade e Corinthians Itaquera na zona leste paulistana. Os shows da banda acontecem nas estações do Metrô, em toda a grande São Paulo, na última quinta-feira do mês.

**REPORTAGEM E DIAGRAMAÇÃO:**  
CAMILLY PINHEIRO E THACIO MELLO

# Musicais da Broadway chegam na região

Do drama a comédia, superproduções aquecem a cena cultural da Vila

A Vila Mariana, um dos bairros mais tradicionais da zona sul de São Paulo, tem se consolidado como um importante polo cultural. Nos teatros próximos à região, no centro da cidade, os musicais têm ganhado destaque em uma programação repleta de espetáculos emocionantes. Com grandes nomes do teatro musical, as peças incluem tanto adaptações de histórias da Broadway quanto obras autorais brasileiras. Os palcos estão sendo ocupados por superproduções de alto nível.

Antes de estrear, os espetáculos passam por um processo que pode durar de um a três anos até as ideias ganharem forma. Quando a pré-produção começa, o tempo para a estreia pode ser de até três meses. Para a montagem do musical ser realizada, muitos profissionais estão envolvidos em diferentes áreas, é preciso um diretor musical, cenógrafo, aderecista e figurinistas, como conta Nathalia Pasqui, de 39 anos, assistente de produção da Atelier Cultural (uma das maiores produtoras de teatro no Brasil). Além do entretenimento, os musicais reforçam a empregabilidade e visibilidade a atores e todos os profissionais envolvidos atrás dos holofotes.

Entre algumas produções em cartaz em 2024, as histórias tratam desde adaptações de clássicos da Broadway até obras autorais brasileiras, com narrativas que variam de uma mulher negra vivendo no sul dos Estados Unidos separada de sua irmã e filhos, até a biografia da rainha do rock nacional e a trajetória de uma patricinha cursando direito em Harvard. Em todas as apresentações, as músicas desempenham um papel essencial, ajudando

a contar as histórias e permitindo que os personagens expressem emoções que palavras sozinhas não conseguem transmitir. “Tem algo muito tocante em ouvir uma pessoa dar tudo de si não só num monólogo, mas em um número musical que te emociona e faz chorar, às vezes”, diz Manuella Garcez, de 24 anos, internacionalista do Rio de Janeiro, uma fã aficionada de teatro musical que já viu cerca de 60 musicais em território nacional, além daqueles que viu fora do país.

**“Tem algo muito tocante em ouvir uma pessoa dar tudo de si em um número musical que te emociona”**

**Manuella, 24, internacionalista**

Uma das montagens mais comentadas do ano foi Rita Lee - Uma Auto-biografia Musical, estrelado por Mel Lisboa, o espetáculo conta a história de Rita Lee, cantora emblemática do rock e moradora da Vila Mariana. Estreando em abril, teve a temporada prorrogada até dezembro devido ao grande sucesso. Com ingressos esgotados, a produção não apenas presta uma homenagem à cantora, que morreu em 2023, mas também faz uma reverência ao bairro onde Rita cresceu e viveu grandes momentos de sua vida.



Rita Lee - 'Uma Auto-biografia Musical' permanecerá em cartaz em 2025, no Teatro Porto Seguro  
FOTO: MILENA SANTOS

Para além dos palcos, o teatro musical tem gerado comunidades de fãs que se identificam com o gênero. Daniel Moura, de 37 anos, professor em Belém, capital do Pará, conta que no início do Facebook, percebeu a falta de uma página dedicada ao teatro musical e criou o Broadway Meme. A página, que desde então tem reunido uma comunidade de apaixonados, ajuda a aproximar um novo público desse universo. “Eu me orgulho muito de ter criado essa comunidade. Porque

isso ajuda muito a fomentar cada vez mais o teatro musical para todo mundo.” afirma Daniel.

#### ENGAJAMENTO DO PÚBLICO

O público, por sua vez, tem se mostrado cada vez mais engajado, não apenas como espectador, mas também como colaborador do sucesso dos espetáculos. As redes sociais desempenham um papel crucial nesse processo, com fãs que compartilham suas experiências, opinam sobre as produções e ajudam

a divulgar os lançamentos. A troca constante de informações e opiniões on-line contribui para a formação de uma comunidade vibrante e entusiasmada, que tem se mostrado uma das forças propulsoras para a continuidade do teatro musical no país.

REPORTAGEM E DIAGRAMAÇÃO:  
ANA BEATRIZ AMARAL  
MILENA SANTOS

Vestibular 2025.1 <<<<

## Pós-Graduação

Produção Editorial  
Gestão em Mídias Digitais  
Telejornalismo e Técnicas de Reportagem  
Gestão de Redações Jornalísticas  
Ciências do Consumo e Análise de Dados

Quer saber mais? Fale conosco

✉ vestibular.fapcom.edu.br/pos-graduacao

☎ 11 98751-1659



Invista na sua  
carreira!



Formando profissionais  
para um novo tempo.

# Vila Mariana se realça pela gastronomia

## Bairro absorve diferentes culturas, intensificando polo gastronômico local

O ato de comer vai além de apenas ingerir um alimento. Para a pernambucana Cayllane, 20 anos, que mora em São Paulo, mais do que uma necessidade básica, é o que une as pessoas. Lugares acolhedores são o que atraem visitantes como ela. “É interessante porque você fica muito íntimo, não é aquela coisa de chegar até a mesa, é algo que você vê e se sente ali presente na comida.” Essa característica pode ser atribuída para alguns restaurantes do bairro da Vila Mariana, na zona sul de São Paulo. “Essas coisas pequeninhas que realmente encantam”, acrescenta.

O bairro, também conhecido como Estrada do Mar, inicialmente era uma região com diversos sítios que serviam de passagem para o litoral. Apenas em 1820, os primeiros moradores começaram a se instalar no local, que agora é famoso pelas universidades e bares. Importantes estradas daquela época, hoje são fortes nomes na culinária do bairro, como os atuais polos gastronômicos Joaquim Távora

e França Pinto, que atualmente concentram botecos que começaram a construir a diversidade da região.

Considerada uma das capitais mais diversas culturalmente, a cidade possui imigrantes de todas as partes do mundo. “Os bairros estão ficando mais heterogêneos com diferentes culturas”, explica Susana Jhun, mestre em gastronomia. A multiculturalidade da região se deve aos mais diversos fatores, como a busca por uma melhor qualidade de vida, razões familiares, como mudança de emprego e questões econômicas. No portal da Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania existe o campo Mapeamentos Colaborativos, que identifica a divulgação de grupos, associações e organizações de iniciativa própria dessa população, como restaurantes de comidas típicas de diversos países do mundo, como os funcionários do Manden Baobá, que imigraram de diferentes países da África. Além de trazerem exemplos culinários da sua cultura para o Brasil, também é uma referência de imigrantes em busca de novas oportunidades.

A partir dessa diversidade, restaurantes começaram a se concentrar exatamente no local, como o Wooza, estabelecimento coreano do Juan Sim Choi, fundado ao lado da esposa Judy Lin, aberto no período da pandemia de Covid-19. Em uma região próxima, está o La Alhambra, restaurante do José Luiz, 83 anos, mais conhecido como Seu Pepe, presente no bairro há 35 anos. Além da novidade, com apenas um ano de inauguração, o Manden Baobá, um dos únicos africanos do bairro, idealizado por Laila Santos. Juntos, formam algumas das especialidades presentes no entorno.

Apesar das ruas tradicionais, a Vila Mariana absorve as culinárias



Paella é a refeição mais pedida entre as opções no cardápio do restaurante espanhol La Alhambra  
FOTO: MONISE SOUZA

**É um movimento espontâneo de como a comida pode servir como meio de contar história sobre a cultura de uma região de cada povo”**

**Susana Jhun, 53, gastronoma**

**São Paulo tem imersão cultural. Aqui é onde mais tem restaurante diferente”**

**Cayllane Nunes, 20, estudante**

com naturalidade. “A diversidade cultural influencia na oferta gastronômica de um polo. Eu acho que faz ficar mais forte porque assim as pessoas têm mais opções. Não é só bares”, explica Susana. A presença de diferentes culinárias, torna o local aberto. O paladar ultrapassa fronteiras.

Para a especialista, quanto mais opções de restaurantes e bares, maior é um polo gastronômico, e essa é uma das características do bairro, que é conhecido pela mistura desses locais.

“Antes era ‘o bairro Japonês’, ‘o bairro dos Italianos’. Hoje, a Vila Mariana, apesar de antiga, acaba absorvendo diferentes povos.”

A curiosidade cria um ambiente diverso onde o novo e o familiar se complementam, aproximando comunidades que, à primeira vista, teriam poucos pontos de contato, como a culinária coreana, a espanhola ou a africana, algumas, pouco presentes na Capital, mas influentes em toda a culinária brasileira.

## Da Espanha ao Japão, cozinha ‘colore’ São Paulo cinzenta

A cozinha espanhola tem sua presença marcada na Vila Mariana por restaurantes como o La Alhambra, onde a comida é tipicamente espanhola ou, como Seu Pepe diz, “tem um toque da Espanha”. O uso de frutos do mar misturados com arroz é recorrente nas paellas, o carro chefe da casa, que tem o seu tempero amenizado, já que o original é considerado muito “pesado” para o paladar brasileiro, de acordo com o chef. Ali, o público encontra pratos que são resultado de séculos de técnicas e influências.

“A comida aqui é toda feita na hora, não se tem nada pronto. Começamos picando o tempero até finalizar toda a comida”. De pé há 35 anos, este é o lema de Seu Pepe e do seu restaurante, o La Alhambra. Ele aprendeu a cozinhar com sua mãe e evidencia a tradicionalidade e o aconchego para os clientes. Esse é um comportamento que José tenta manter com todos os seus clientes e que, segundo ele, atrai o público e se torna o diferencial.

Já entre escolas e universidades que permeiam o bairro, a culinária coreana começou a ocupar espaço na vida dos paulistanos. Em um cenário onde os doramas (novelas coreanas) ganharam o coração dos brasileiros, a gastronomia do país asiático desenha um novo recorte no bairro, com sabores e temperos que fazem parte da rotina de quem circula pela região.

O Pojang Wooza nasceu da ideia de um simples boteco que despertou o

interesse dos moradores pela culinária coreana de maneira gradual. O dono do local faz bastante comparação com os bares japoneses que existem na cidade. “A gente abriu com um cardápio bem enxuto. Nosso espaço é esse pequenininho. A nossa cozinha é minúscula e o que a gente conseguia servir nesse espaço é o desafio”, conta Juan.

A experiência, que começa pelo clássico Mandu, muito popular pelo nome Gyoza, é uma alternativa “bate-pronto” para os asiáticos que poderia substituir o fast-food. “A gente colocou alguns pratos tradicionais junto, para acompanhar com mandu, como o bibimbap, um clássico coreano”. Além dos recheios, o bolinho mais requisitado da casa também tem cores diferenciadas e alternativas saudáveis. “A gente decidiu colorir os mandus, de uma forma mais natural para trazer um pouco de vida. Um pouco de alegria nessa pandemia cinzenta”.

Outro movimento presente nas proximidades é o da culinária africana, que integra uma onda de reconhecimento e valorização das culturas afrodescendentes. Para Laila, sócia do Manden Baobá, junto com o angolano Amílcar Tchinguessy, ter um restaurante típico numa localidade elitista é sobre ocupar espaço e se fazer presente. “Você, por exemplo, já viu restaurante africano em shopping? O bairro da Liberdade é um bairro nosso e não tem restaurante africano. Nós queremos fazer a desmistificação do país”.

Para a empreendedora, a culinária tem uma função que vai além da alimentação, mas a inclusão desses imigrantes que estão em seu quadro de funcionários, além de romper o maior desafio da sociedade, que é o preconceito. “O Manden é muito diverso. E quando a gente diz diverso, a gente diz do nosso cardápio, nosso grupo de colaboradores e nossa comunicação.”

**É impossível ignorar a história do Brasil sem falar de África”**

**Laila Santos, 30, empreendedora**

As alianças entre o público e os estabelecimentos possuem uma relação em comum que vai além da absorção de novas culturas. O acolhimento entre os locais é o que faz a diferença e traz a atratividade. “Acho que a principal coisa que une as pessoas é comer e compartilhar essa experiência. Acho que aproxima”, reflete Cayllane.



Experiência no Pojang Wooza começa pelo clássico Mandu  
FOTO: MONISE SOUZA